

O DESEMBARQUE



Editorial	
Resumo de um ano atípico	3
Protocolos	
Protocolos	4
Corpo de Fuzileiros	
O Corpo de Fuzileiros tem novo 2.º Comandante	5
CFR FZ Costa Frescata assume cargo de Comandante do Batalhão de Fuzileiros N.º 2	6
A Marinha no apoio à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil	7
Operações Especiais Ibéricas <i>(Destacamento de Acções Especiais e Fuerza de Guerra Naval Especial, juntos novamente)</i>	8
Retoma da formação na Escola de Fuzileiros – pós COVID-19 –	9
Cerimónia de imposição de boinas aos novos oficiais fuzileiros	10
Pensamentos & Reflexões	
A eleição do “Xérife”	11
O Rio Vouga dos Fuzileiros	14
Divisões	
Divisão do Mar e das Actividades Lúdicas e Desportivas	16
Conversa entre Fuzileiros	
Conversa entre Fuzileiros	17
Crónicas	
Estórias à volta da Operação Leopardo <i>Atividade da ELIPAZ em Brazzaville, República Popular do Congo – Parte II</i>	20
Viaturas celulares da Polícia Naval – <i>A Ramona</i>	23
Sorte & Mascotes	25
Homenagem	
Almirante Nuno Vieira Matias	26
Honra & Memória	
Almirante Andrade e Silva – <i>A última visita</i>	28
Notícias	
Sentir a Marinha nos Açores – <i>Convívios</i>	30
Junta de Freguesia de Azeitão elogia Fuzileiro	32
Vinho “O VETERANO” – <i>A nossa marca</i>	32
Tomada de Posse do cargo de 2.º Comandante da Escola de Fuzileiros	33
Novo Sócio Institucional	33
Contos & Narrativas	
Não comandante, a essa hora não estavam lá 10...	34
Outra Perspectiva	
Estórias de uma História Vivida – 1974	36
Poesia	
A Capulana da Minha Mãe	37
Delegações	
Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA)	38
Delegação de Fuzileiros da Beira Alta (DFZBA)	40
Delegação de Fuzileiros do Douro Litoral (DFZDL)	42
Núcleo de Fuzileiros Vale do Sousa (NFZVS)	43
Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas (DFZJE)	43
Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima (DFZPM)	44
Núcleo de Fuzileiros Motociclistas (NFZM)	45
Rádio “Filhos da Escola” (RFE)	46
Convívios	
Companhia de Fuzileiros N.º 10 – <i>Moçambique 1971/73</i>	47
Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 1 – <i>Angola 1961/63</i>	47
Jantar de confraternização do Curso de Sargentos Chefes <i>CF009 - 3.ª Edição de 2020</i>	48
Cadetes do Mar	
Unidade do Corpo de Cadetes do Mar Fuzileiros	49
Comunicados	
Almoço de Natal 2020	49
Sobre o Estatuto do Combatente – <i>Cartão de Antigo Combatente – Informação aos sócios</i>	50
Obituário	51
Diversos	51



**Publicação Periódica da
Associação de Fuzileiros
Revista n.º 37 • Novembro 2020**

Propriedade

Associação de Fuzileiros
Rua Miguel Pais, n.º 25, 1.º Esq.
2830-356 Barreiro
Tel.: 212 060 079 • Telem.: 927 979 461
email: afuzileiros@gmail.com
www.associacaofuzileiros.pt

Edição e Redacção

Direcção da Associação de Fuzileiros

Director

Manuel Seabra

Director Adjunto/Editor Principal

Benjamim Correia

Colaborações

Delegações da AFZ, CM, JR, LS, BC,
Ribeiro Ramos, Miranda Neto, José Horta,
Paulo Gomes da Silva, Adelino Couto,
Elísio Carmona, Jorge Monteiro e
Vidal de Rezende

Fotografia: Ribeiro, Afonso Brandão, Mário
Manso, António Fernandes e MLS

Capa: Manuel Lema Santos

Coordenação e produção gráfica

Manuel Lema Santos
mlema@mlemasantos.com

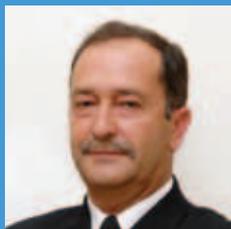
Impressão e acabamento

GMT Gráficos, Lda.
email: comercial@gmt.pt

Tiragem

2.000 exemplares
Depósito legal n.º 376343/14
ISSN 2183-2889

Não reconhecemos qualquer nova forma de ortografia da língua portuguesa mas, no respeito por diferente opção, manteremos os textos de terceiros aqui publicados que configurem outra forma de escrita.



Manuel Leão de Seabra

Resumo de um ano atípico

O ano de 2020, agora a chegar ao fim, ficará na história da humanidade pela sua atipicidade resultante da pandemia causada pela COVID-19, que teima em permanecer connosco.

Bem ou mal (o melhor prognóstico só será conhecido no final do jogo!), a Associação de Fuzileiros apostou na prevenção e no afastamento social possível, até termos a garantia que a situação se encontra sanada ou, no mínimo, controlada. Com muita pena nossa, cancelamos momentos e eventos importantíssimos planeados pela Direção e pelas nossas Delegações e Núcleos. Falamos de eventos que juntam anualmente os nossos associados, principalmente os nossos veteranos, permitindo-lhes recordar e reviver alguns feitos do passado, sempre selados com aquele abraço de amizade que repõe os níveis da saudade e sossega o corpo e a alma.

Em jeito de resumo das ações planeadas pela AFZ para este ano de 2020, a exemplo do que aconteceu um pouco por todo o país e que afetou todas as instituições, foram mais as ações canceladas que as realizadas.

Neste âmbito, tivemos de tomar a sempre muito difícil decisão de cancelar as comemorações do 43.º aniversário da AFZ e dos aniversários das Delegações e Núcleos, a Assembleia-Geral Eleitoral, o Dia do Fuzileiro, as cerimónias de Imposição de Condecorações e diversos eventos de carácter desportivo, sob coordenação da AFZ ou das suas Delegações. Ainda neste âmbito, tendo em consideração o estado de contingência em vigor e as precauções que todos temos de continuar a ter com a nossa saúde e com a dos outros, tomamos a difícil decisão de cancelar o nosso tradicional “Almoço de Natal 2020”.

Conforme vem sendo divulgado nas Atas das reuniões e nos nossos meios de comunicação, a resposta a alguns apelos solidários, a garantia da sustentabilidade do nosso restaurante, a edição de três números da revista “O Desembarque”, as diversas atividades de apoio social das nossas Delegações espalhadas pelo país, a realização de várias reuniões mensais da Direção, reparações diversas nas instalações, início do projeto destinado à reparação/pintura do Monumento ao Fuzileiro localizado numa rotunda do Barreiro, participação do presidente da Direção da AFZ em eventos oficiais em representação de todos os sócios e participação da AFZ em reuniões e debates da especialidade que conduziram à recente aprovação do Estatuto do Antigo Combatente foram, apenas, algumas das ações desencadeadas e merecedoras de registo.

Para o próximo ano de 2021, caso a situação se mantenha como tudo indicia, vamos ter de puxar pela nossa criatividade e imaginação e, no respeito pela “nova normalidade”, tentar concretizar os eventos mais importantes sem descuidar as recomendações existentes nessa ocasião. Com mais ou menos presenças, vamos tentar celebrar o 44.º aniversário da AFZ, realizar a Assembleia-Geral Eleitoral, comemorar o Dia do Fuzileiro e concretizar algumas sessões de Imposição de Condecorações.

Temos de acreditar!

Manuel Leão de Seabra
Presidente da Direção

PROTOCOLOS / PARCERIAS COM A ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS

Agência de Viagens – Mercado das Viagens	5% pacotes turísticos sobre o preço de catálogo e de promoções; 4% nos preços base de estadias - hotéis e apartamentos - Portugal e estrangeiro; 50% despesas de emissão de bilhetes de avião. Oferta das despesas de reserva
V & T, Versátil e Transversal, Lda.	25% Reparações, Formatações e Reinstalações 10% Consumíveis e Equipamentos Informáticos e outros
Farmácia da Recosta	Desconto 10%, excepto em produtos em campanha, Produtos da Diabetes, Leites Infantis e Medicamentos com valor superior a 50 €
Clube de Campismo do Barreiro (CCB)	Instalações do Parque de Campismo dos Picheiros: 20% desconto sobre tabela em vigor
Instituto Médico Dentário do Barreiro (IMDB)	Descontos (10%, 20%, 30%) sobre a tabela de preços em vigor e anexa ao protocolo
Sociedade de Tiro do Porto	Protocolo para a utilização da Carreira de Tiro do Complexo Desportivo de Rates (CTCDR)
Clube Pinhal da Foz (CPF)	Apartamentos Turísticos (Época Baixa -25%, Época Média -20%, Época Alta -15% e -10%)
High School Academy	Uma propina mensal 15% e 100% no valor da inscrição Duas ou mais propinas mensais 20% e 100% no valor da inscrição
KéroCuidados	Presta Serviços a Idosos e Famílias
Associação Recreativa e Desportiva Bons Amigos (ARDBA)	Convívio Social e desenvolvimento de diversas Modalidades Desportivas
Grupo Desportivo e Recreativo Unidos da Recosta (GDRUR)	Convívio Social e desenvolvimento de diversas Modalidades Desportivas
Editora Náutica Nacional, Lda. (ENN)	Editora de Capitais privados – Edita a Revista de Marinha e também livros
Manuel J. Monteiro & C.ª, Lda. (MJM)	Especializada na Comercialização de Eletrodomésticos, representa as Marcas: Junex, Vaillant, Gorenje, Dito Sama, Gisowatt e Stiebel Eltron
Funerária Central	Vila Chã, Barreiro - 30% desconto em todos os serviços
Associação Nacional de Agentes de Segurança Privada (ANASP)	Formação e Credenciação
Casa de Repouso São João de Deus	Acolhimento em regime interno, possui dois estabelecimentos: Lagoa da Palha - Pinhal Novo e Cabeço Verde - Barreiro
Casa de Repouso Quinta da Relva	Acolhimento de idosos, lar e cuidados continuados (Pessoas com Alzheimer, Parkinson, doenças psiquiátricas) - Alenquer
MH Wellness Club – Motricidade Humana	Prestação de Serviços na área do desporto, saúde e lazer: Santo André - Barreiro
GAMMA	Grupo de Amigos do Museu de Marinha
Universidade Lusófona	COFAC – Cooperativa de Formação e Animação Cultural – Lisboa e Porto 10% desconto nas propinas
Universidade Lusófona	ISES – Instituto Superior de Segurança - Conferências
Funerária São Marçal	Desconto 20%, Canha - Montijo

Para mais pormenores, deve ser consultado o site da AFZ, o Secretariado Nacional (Tel.: 212 060 079 – Telm.: 927 979 461) ou as nossas Delegações

Um mundo de soluções para o seu lar...

gorenje **MJM** MANUEL J. MONTEIRO **Junex**

Estrada das Palmeiras, 55 | Queluz de Baixo 1004 | 2734-504 Barcarena | Portugal | T: (+351) 214 349 700 | F: (+351) 214 349 754 | www.mjmm.pt

Casa de Repouso Quinta da Relva

O prazer de viver...

Centro especializado acolhimento e cuidados com Alzheimer, Parkinson, doenças psiquiátricas e acamadas

SERVIÇOS
Alojamento temporário e permanente
Médico
Enfermagem
Salão de estética
Animação
Fisioterapia e Ginásio
Ginástica colectiva

A 30 MIN. DE LISBOA

www.casadereposo-quintadarelva.pt
info@casadereposo-quintadarelva.pt
Tlfs: 962129899 / 263770480 ALENQUER

O Corpo de Fuzileiros tem novo 2.º Comandante

Desde o passado dia 23 de setembro de 2020, o Capitão-de-mar-e-guerra Fuzileiro Artur José Figueiredo Mariano Alves é o 2.º Comandante do Corpo de Fuzileiros tendo rendido no cargo o Capitão-de-mar-e-guerra Fuzileiro Rogério Paulo Figueira Martins de Brito.

Face à situação pandémica, a cerimónia de rendição foi realizada no Salão Nobre do Corpo de Fuzileiros com a presença de uma representação reduzida das Unidades e Departamentos deste comando.

Contudo, apesar de ter sido numa versão reduzida, foi dignificada pela simplicidade e pela importância inerente ao cargo conforme foi realçado nas alocuções proferidas quer pelo oficial agora empossado quer pela entidade que presidiu à cerimónia, Sua Excelência o Comandante do Corpo de Fuzileiros Comodoro Silva Ribeiro.



A cerimónia foi ainda marcada pela imposição de condecorações e atribuição de distintivos de embarque a militares que prestam serviço no Corpo de Fuzileiros.

De realçar que, face à atual situação pandémica, a imposição de condecorações e atribuição de distintivos tem vindo a ser adiada.

O comandante Martins de Brito deixa as funções após 2 anos e 7 meses, passando o cargo ao 2.º comandante empossado com o dever de missão cumprida, sendo que nos próximos meses irá focar-se nos estudos e reflexões estratégicas durante a frequência do Curso de Promoção a Oficial General, edição 2020/21.

O Comandante do Corpo de Fuzileiros não deixou de expressar claramente as expectativas e confiança depositada no oficial agora empossado, oficial que bem conhece e um agradecimento pelo desempenho do oficial cessante.

O comandante Mariano Alves um “Viriato de alma”, que bem cedo deixou a cidade de Viseu de onde é natural, alistou-se na Escola Naval em 1985, escolheu a Classe Fuzileiros fazendo parte do primeiro curso tradicional de Fuzileiros formados naquela Escola. Após o término do curso em 1990 integrou o quadro de oficiais deste Corpo de Tropas de Elite.



Ao longo da sua carreira, sempre com a ambição de fazer mais e melhor, em Unidades de Fuzileiros ou fora delas, conseguiu enriquecer o seu conhecimento sobre as Forças Armadas, a Marinha e em particular sobre os Fuzileiros.

Foi Comandante do Destacamento de Acções Especiais (DAE), da Unidade de Meios de Desembarque (UMD), do Batalhão de Fuzileiros N.º 2 (BF2) e do Batalhão Ligeiro de Desembarque (BLD) quando ativado.

O passado do comandante Mariano Alves reflete o espírito operacional com que perspetiva o exercício do cargo de que agora tomou posse.

Como oficial Fuzileiro mais antigo, no ativo, o comandante Mariano Alves assume as funções de 2.º Comandante numa altura em que se aproximam as comemorações do 400.º aniversário da criação do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, do qual os Fuzileiros portugueses são seus legítimos descendentes.

Como no passado, os Fuzileiros de hoje cumprem e continuarão a cumprir a Marinha ao serviço de Portugal e dos portugueses.

Versátil & Transversal Unip. Lda.
Reparação e Manutenção Informática

Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre 37B 2830-080 Barreiro
www.versatil-e-transversal.pt - 96 432 79 38
geral@versatil-e-transversal.pt

Sócios AFZ e Familiares
Desconto de 25% em reparações

Desconto de 10% em consumíveis e equipamentos

CFR FZ Costa Frescata assume cargo de Comandante do Batalhão de Fuzileiros N.º 2

Desde o passado dia 29 de julho de 2020 que o Batalhão de Fuzileiros N.º 2 (BF2) está a ser comandado pelo Capitão-de-fragata Fuzileiro Costa Frescata, rendendo no cargo o Capitão-de-fragata Fuzileiro Esquetim Marques.

A cerimónia de entrega de comando realizou-se na parada do Corpo de Fuzileiros, Pólo Alfeite e foi presidida pelo Comandante Naval, Vice-almirante Silvestre Correia.

Durante o discurso de tomada de posse, o novo comandante agradeceu a confiança em si depositada, realçando o orgulho e o privilégio em comandar esta unidade de escalão Batalhão, orientada para as missões de projeção de força.

Agradeceu o legado do anterior comandante e dirigiu-se à sua guarnição com palavras de força, motivação e orgulho pela forma como a unidade tem cumprido as missões operacionais, o excelente desempenho no âmbito dos exercícios e treinos e noutras atividades nomeadamente: na prevenção de incêndios rurais, no apoio à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil e ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, no apoio à Autoridade Marítima Nacional durante a época balnear e no reforço da vigilância e segurança dos banhistas.

Evidenciou a sua pronta disponibilidade para, em estreita cooperação e colaboração com os demais Departamentos e Unidades do Corpo de Fuzileiros, contribuir para a continuidade da proficiência esperada mantendo a sua Unidade sempre pronta para o cumprimento das missões atribuídas, ao serviço dos Fuzileiros, da Marinha e de Portugal.

Ao Comandante cessante desejou as maiores felicidades para os próximos desafios.

FUZILEIROS. Prontos! No mar e onde necessário.



VILLA PINHAL NOVO
RESIDÊNCIA PARA IDOSOS

PINHAL NOVO | BARREIRO
VENHA PASSAR O DIA NA NOSSA COMPANHIA
E VENHA CONFIRMAR A NOSSA QUALIDADE...
WWW.VILLAPINHALNOVO.COM



A Marinha no apoio à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil

Portugal enfrenta um problema estrutural de ordenamento do território, que o fenómeno das alterações climáticas vem revelando constituir uma grave ameaça à segurança das populações e ao potencial de desenvolvimento económico e social do país.

Os incêndios de grandes dimensões que deflagraram no ano de 2017, motivaram uma reforma sistémica na prevenção e combate aos incêndios rurais, assente num conjunto de medidas sólidas, consagradas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 157 – A/2017, de 21 de outubro, e ampliadas num conjunto de legislação subsequente.

Entre as várias medidas previstas na referida resolução, destaca-se a criação do novo Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais (SGIFR) o qual estabelece a adoção de uma maior flexibilidade do dispositivo terrestre e aéreo de combate em função do índice de risco, acompanhada pelo reforço da profissionalização do sistema e da criação de uma diretiva única de prevenção e combate, para uma maior coordenação de todo o dispositivo operacional durante todo o ano, aprovada por via da Resolução de Conselho de Ministros n.º 20/2018, de 01 de março.

Através deste documento é definido um Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Rurais (DECIR), desenhado pela Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), em articulação com as entidades com envolvimento no combate aos incêndios rurais e que garante, em permanência, uma resposta operacional adequada e articulada, em conformidade com o grau de gravidade e a probabilidade de ocorrência de incêndios rurais durante os períodos de perigo considerados. É neste âmbito que as Forças Armadas (FFAA) colaboram em missões de proteção civil e em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações.

A Marinha, através do Corpo de Fuzileiros contribui para o esforço da ANEPC ao abrigo do Plano Hefesto e do Protocolo FAUNOS, em apoio ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

A intervenção do Corpo de Fuzileiros nas zonas sinistradas concretiza-se através das seguintes tarefas:

- Patrulhamento, vigilância dissuasora, prevenção, deteção, rescaldo e vigilância pós-incêndio florestal
- Abertura não mecanizada de faixas de contenção.
- Ações de busca e salvamento.
- Disponibilização de equipamentos e apoio logístico, quer para as operações, quer para a população afetada. Pode incluir

confeção, fornecimento de alimentação e distribuição de abastecimentos diversos, designadamente: medicamentos, água e combustíveis.

- Fornecimento temporário de alojamento, com recurso a tendas na capacidade sobran-te.

No total, O Corpo de Fuzileiros, realizou entre os dias 21 de junho e 22 de setembro de 2020, mais de 50 patrulhas de vigilância e dissuasão nos distritos com previsão de risco de incêndio acentuado, nomeadamente nos distritos de Lisboa, Setúbal, Santarém, Sines, Faro, Beja, Viseu, Aveiro, Porto, Portalegre e Évora, perfazendo um total de 57.750 quilómetros percorridos, envolvendo um total de 175 militares.

Com a missão ainda a decorrer, a Marinha continua a dignificar as FFAA no apoio à ANEPC, mobilizando continuamente os seus meios militares na vigilância das florestas, no auxílio às populações e na proteção do património Nacional.



Operações Especiais Ibéricas (Destacamento de Acções Especiais e *Fuerza de Guerra Naval Especial*, juntos novamente)

O *Guerra Naval Especial Exercise* (GNEX), organizado pela Marinha Espanhola, faz parte do Plano de Cooperação Bilateral entre Portugal e Espanha e realiza-se duas vezes por ano tendo em vista melhorar a capacidade de *Naval Special Warfare* (NSW).

A segunda edição do exercício, GNEX 20-2, decorreu no Golfo de Cádiz, na Base Naval de Rota (BNR) e na *Sierra del Retin*, de 14 a 18 de setembro, conduzido pelo Comandante da *Fuerza de Guerra Naval Especial* (FGNE), o *Coronel de Infantería de Marina*, Pedro António Martínez Rodríguez de Lema, a partir de uma *Forward Operation Base* (FOB) projetada na BNR, com a participação do Estado-maior, o *Special Operations Boat Task Unit* (SOBTU), parte do *Combat Service Support* (CSS) em apoio aos paraquedistas e três equipas operacionais (*Stoles*) da FGNE; um *Special Operations Maritime Task Unit* (SOMTU) do Destacamento de Acções Especiais (DAE) e diversos helicópteros da *Flotilla de Aeronaves* (FLOAN) nomeadamente; Agusta-Bell (AB212), Sikorsky SH-3D (Sea King) e Sikorsky SH-60 (Sea Hawk).

O cenário utilizado permitiu aferir com as forças de operações especiais congéneres, perícias, técnicas, táticas e procedimentos (TTP), dando ênfase ao planeamento e execução de operações especiais projetadas por meios aéreos de asa rotativa.

Foi visível o elevado valor agregado dos militares que integram a FGNE, fruto das suas recentes e atuais experiências nos teatros de operações na Somália, no Iraque, no Afeganistão e no Mali.

Das atividades realizadas destacam-se: o tiro de combate, o tiro de sniper a partir dos diferentes helicópteros, o planeamento e execução de operações de *Vehicle Interdiction*, os saltos de paraquedas de abertura automática e manual, a evacuação de vítimas por heli de ambiente terrestre e marítimo com aplicação de TTP em *Tactical Combat Casualty Care* (TC3), execução de *rappel*, *fast rope*, *helocasting* e *Close Quarter Battle* (CQB) com aplicação de técnicas de *breaching*.

A participação de uma equipa do DAE foi extremamente positiva, tendo-se promovido o treino e a interoperabilidade das



unidades em termos táticos, com a partilha de experiências e conhecimentos do emprego das forças de operações especiais e das guarnições das aeronaves em operações especiais com helicópteros, durante os períodos diurno e noturno em ambiente de multiameaça.

As operações especiais espanholas evoluíram significativamente na última década, com a criação da FGNE, em 10 de junho de 2009, e o início da consolidação da capacidade de NSW.

A FGNE agregou duas unidades muito diferentes, a *Unidad de Operaciones Especiales* (UOE - *Infantería de Marina*) e a *Unidad Especial de Buceadores de Combate* (UEBC - *Armada*), melhorando os procedimentos de operação, remodelando as infraestruturas, criando um novo sistema de formação para os novos operacionais da unidade, reequipando a unidade, definindo requisitos operacionais e técnicos, elaborando publicações doutrinárias e criando a sua autonomia logística, com verbas dedicadas às Operações Especiais de Marinha.



Retoma da formação na Escola de Fuzileiros

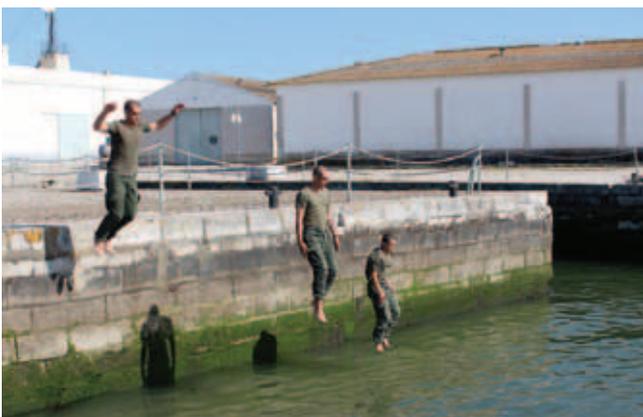
– pós COVID-19 –

A implementação de medidas extraordinárias para conter e evitar a propagação da pandemia COVID-19 e as consequentes orientações da Direção-Geral da Saúde (DGS), implicaram, a partir de 13 de março 2020, a suspensão de toda a formação executada no âmbito do Plano de Atividades de Formação da Marinha.

O regresso da atividade formativa na Escola de Fuzileiros (EF) ocorreu de forma eficiente, segura e sustentável, com a adoção e cumprimento das normas emanadas pela DGS, permitindo que a atividade de formação decorresse sem comprometer a integridade física dos formandos e formadores.

A EF retomou, numa 1.ª fase, as atividades de formação presenciais a 18 de maio de 2020 com o reinício dos cursos suspensos: Curso de Formação de Oficiais Fuzileiros, Curso de Formação de Sargentos FZ, Curso de Formação de Sargentos V, Curso de Formação de Praças FZ, Curso de Formação de Praças V, Estágio dos Alunos FZ do 5.º Ano da Escola Naval e o Curso de Aperfeiçoamento em Liderança – Grau I. Dadas as especificidades técnicas dos cursos de fuzileiros, todos os formandos foram testados à COVID-19 no reinício da formação e os períodos letivos decorreram ininterruptamente por períodos de duas semanas.

A formação ministrada nestes cursos teve igualmente em conta o necessário e impreterível distanciamento social (previsto pela DGS) entre todos os militares, civis e formandos, com exceção da proximidade necessária para a prestação de cuidados realizados pelo Serviço de Saúde.



Foi também efetuada a subdivisão das turmas de modo a garantir o distanciamento social e dada preferência às atividades de formação ministradas ao ar livre e/ou no anfiteatro da EF.

A EF não descurou igualmente nesta fase crucial, a aplicação das recomendações da DGS através da criação de procedimentos e regras que garantissem a divulgação e formação no âmbito das medidas de higiene das mãos e etiqueta respiratória; a medição da temperatura corporal à entrada e saída da unidade a todos os elementos da guarnição; a utilização de áreas comuns por turnos, de forma a manter o distanciamento social adequado (ex. o refeitório, através da criação de horários para desencontrar as horas das refeições), a cessação das atividades diárias lúdicas coletivas, a renovação frequente do ar dos alojamentos, gabinetes e das salas de aula através da abertura de janelas; a não utilização de aparelhos de ar condicionado para evitar o risco de contaminação por via aérea.

Além destas medidas, foi garantida a necessária limpeza das superfícies várias vezes ao dia, com produtos desinfetantes, particularmente as superfícies mais utilizadas pelos elementos da guarnição.

Posteriormente, a 15 de junho, foram retomadas as duas edições do “Curso de Formação Básica de Praças” (CFB01), a designada 2.ª fase.

Dada a limitada capacidade de alojamento da EF, fruto da intervenção estrutural nas cobertas, a formação a ministrar ao CFB01, assim como o alojamento dos candidatos, foi dividida entre a EF e a Escola de Tecnologias Navais (ETNA), embora a formação tenha sido da responsabilidade da EF.

Numa 3.ª fase, reiniciou-se a formação presencial no âmbito do PAFM II, que limita o número de formandos dos cursos ao número mínimo definido na respetiva documentação de curso, uma vez que ainda não existem condições que possam reduzir o nível de resposta médico/ sanitária à ameaça pandémica.

De momento e dado o êxito das medidas implementadas, a EF mantém as recomendações atualmente em vigor, com a perspectiva de iniciar uma 4ª fase que se prende com a retoma da formação em pleno, sem a existência de limites aos números de formandos, para além dos definidos na documentação de curso.

Cerimónia de imposição de boinas aos novos oficiais fuzileiros

Esta cerimónia simples, mas de grande significado para os novos oficiais fuzileiros, foi presidida pelo Comandante Naval e decorreu no Museu do Fuzileiro no passado dia 21 de setembro de 2020.

Face às atuais limitações impostas pela situação de pandemia, a presença de convidados foi muito reduzida não podendo contar com a habitual presença de familiares e amigos.

Nem por isso deixou de ter a importância e a dignidade que se impõe neste ato carregado de enorme simbolismo para os Fuzileiros, em geral e para os Formandos visados, em particular. Entre os convidados, esteve presente o Presidente da Direção Nacional da Associação de Fuzileiros em representação de todos os associados.



Depois da entrega dos prémios escolares e dos distintivos de fuzileiro a dois formandos convidados da República de Timor-Leste, seguiu-se a imposição de boinas aos novos aspirantes do Curso de Oficiais Fuzileiros da 2.ª Edição de 2019 e aos Aspirantes Fuzileiros estagiários do 5.º ano da Escola Naval, a homenagem aos Fuzileiros já falecidos, uma exortação aos alunos pelo Diretor

Técnico-Pedagógico e Comandante do Batalhão de Instrução, terminando com a alocação do Comandante Naval.

Para que conste, segue identificação dos militares envolvidos:

Formandos do 5.º Ano da Escola Naval:

- ASPOF FZ Jones
- ASPOF FZ Orzhekhovkiy
- ASPOF FZ Parreira
- ASPOF FZ Gonçalves
- ASPOF FZ Guilherme

Formandos Curso de Oficiais Fuzileiros – 2.ª Ed. 2019:

- ASPOF FZ Cordeiro
- ASPOF FZ Ventura
- SAR FZ Ferreira (Timor-Leste)
- SAR FZ Fernandes (Timor-Leste)





Jorge Oliveira Monteiro

A eleição do “Xérife”

Os Estados Unidos da América do Norte (EUA) – a *América*, numa designação mais popular – constituem uma potência que ao longo dos dois últimos séculos se afirmou, como a referência do desenvolvimento mundial, em várias áreas: científica, industrial, militar e, como não podia deixar de ser, na política. Nesta, destaca-se a cultura de uma sólida democracia, tanto internamente como a difusão desta por todo o planeta, ainda que numa perspetiva própria e, sempre, com o propósito de defender os seus interesses.

A primeira imagem que tive da *América*, foi por via das revistas e dos filmes de *cow-boys* (cobóis, foneticamente) que, no início da década de sessenta, eram as preferências “intelectuais” de muitos adolescentes.

Entre as diversas personagens, das histórias aos quadradinhos e das fitas, uma pontuava na vida das cidades do *far-west*: o xerife¹ (pronunciávamos: xérife). Figura, quase sempre solitária na ação, que encarnava (e ainda hoje representa) a lei e a ordem local, mesmo que fosse à “lei da bala” – o que era quase sempre – para grande satisfação dos apreciadores do estilo.

Este ano estão previstas eleições nas terras do *Tio Sam*, pelo que tentei informar-me, por conta própria, sobre como é a escolha para o cargo de presidente da maior potência mundial — pelo menos até agora.

Face ao que li, fiquei com a ideia que o cargo parece emanar da imagem do xerife, dados os seus poderes legais e a proeminência do seu papel na estrutura do estado americano; sobretudo ao nível interno, mas também no plano internacional, consoante as lógicas de intervenção externa.

Vejamos, então, como é eleita esta figura e quais os seus poderes mais relevantes.

O presidente dos EUA é, constitucionalmente, o principal órgão do estado, «a primeira, a mais forte e poderosa autoridade da união».

A constituição americana atual – a primeira e única – estabelecida em 17 de setembro de 1787 é considerada a mais antiga do mundo. Ainda que a da República de São Marino seja de 1600...

Tem apenas sete artigos, alguns bastante extensos. Naturalmente que a estes se foram juntando aditamentos, atualmente vinte e sete, mais conhecidos como *Emendas*. Somam-se ainda outras normas decorrentes da prática: leis ordinárias, interpretações judiciais, maneiras de proceder dos presidentes e até usos e



costumes. Confere grande autonomia legislativa aos cinquenta estados federados donde a disparidade de leis.

Os estados federados, que constituem os EUA, procederam, gradualmente, tanto da (des)colonização, como de conquistas, cedências e até de compras. O Alasca, estado com a maior área, constitui uma descontinuidade territorial que foi comprada à Rússia em 1867. Portanto, não temos que nos admirar de o atual presidente ter alvitrado a compra da Gronelândia que, tal como o Alasca, não é só gelo...

A eleição do presidente americano constitui um ato determinante na vida do país, dados os extensos e importantes poderes do escolhido para “xerife”.

Vejamos então as fases principais do processo eleitoral.

O Presidente dos Estados Unidos da América – designação formal – é eleito por *sufrágio indireto*, por um período de quatro anos, não podendo, nos termos da Emenda n.º 22 de 27 de fevereiro de 1951, ser reeleito mais que uma vez.



1 Existiu em Portugal um agente da administração pública com funções semelhantes ao xerife: o *Regedor*. Foi uma autoridade local criada para as freguesias (na maioria rurais) onde não havia força policial. Os últimos cargos foram extintos em 1977.

Como primeiro ato eleitoral, na primeira 3.^a feira de novembro (este ano será dia 3) do ano marcado para as eleições, os cidadãos votam no âmbito de cada estado. É o chamado *voto popular*; que não é obrigatório.

Aqui, os cidadãos com direito de voto escolhem os *eleitores presidenciais*. O número destes é igual ao total de senadores e de representantes (deputados) a que cada estado tem direito no Congresso Federal – órgão de âmbito nacional.

O Congresso, segundo o artigo primeiro da constituição, «detém todos os poderes legislativos». É formado por duas assembleias: o Senado – a câmara alta; e a Câmara dos Representantes – a câmara baixa, idêntica à Assembleia da República portuguesa.

A segunda fase eleitoral realiza-se na terceira 2.^a feira de dezembro (este ano dia 21).

Aqui, os *eleitores presidenciais* anteriormente eleitos reúnem-se na capital do respetivo estado e votam nos candidatos à presidência e à vice-presidência. São os *votos eleitorais*.

Os resultados deste escrutínio a nível estadual são enviados para a capital federal Washington – cidade bastante distante do estado com o mesmo nome – onde é apurado o candidato que conseguiu a maioria.

(Com este calendário, o presidente eleito não será um rei mago ou o Menino Jesus, mas é com certeza uma prenda de Natal para os americanos...)

O modelo de órgão legislativo com sistema bicameral foi criado à imagem do parlamento britânico. Tem subjacente o intuito de, além de a câmara baixa representar o povo, também haver, no senado, a representação dos interesses dos próprios estados federados².

Na Inglaterra, o órgão correspondente ao senado é a Câmara dos Lordes. O modelo com duas câmaras é seguido pela generalidade dos países de tradição anglo-saxónica: Austrália, Canadá, Nova Zelândia e outros.

Já agora. Quem é, formalmente, o chefe de estado destes três países?

É exatamente, a rainha de Inglaterra (ou melhor, o monarca do Reino Unido)! Deste e de mais doze estados independentes; todos, inclusive os três referidos, são monarquias constitucionais – quem diria? Então, talvez isto ajude a perceber parte das razões que levaram ao *Brexit*.

Retomando o caso americano.

As eleições dos membros do Congresso, senadores e representantes, têm processos diferentes, mas sempre pelo *voto popular*. Os 100 senadores são eleitos para mandatos de seis anos; porém, de dois em dois anos há eleições para 1/3 dos lugares (ao terceiro ano é para 1/3 e mais um lugar). Para a Câmara dos Representantes as eleições são para mandatos de dois anos. A eleição é por distritos

(dentro de cada estado) havendo uma proporção direta entre o número de cidadãos e o de representantes de cada estado – é o sistema da Representação Proporcional³.

O partido com maioria elege o presidente da Câmara dos Representantes: o *speaker*, figura que se tornou ultimamente bastante popular – não o do congresso americano, mas o do parlamento britânico – durante as sessões em que foi discutida a saída ou não do Reino Unido da União Europeia. A popularidade do senhor John Bercow⁴ deveu-se mais às gravatas exuberantes e à forma como se expressava, do que a qualquer outra obrigação institucional. Os seus “*Ordeeeeer!*” tornaram-se virais.

Quanto à câmara alta americana – o Senado – cada estado elege dois senadores. Esta representação é igual para todos os estados, independentemente da população, das dimensões ou da riqueza de cada um.



Assim, há 100 senadores com direito de voto (para a eleição presidencial), representando os 50 estados da união. Um fórum mais estável que a câmara baixa; e mais prestigiado. Os seus membros têm direito ao título de «*honorável*», sendo que bastantes presidentes foram senadores. Pode ser-se senador durante vários mandatos – o recordista, Robert Byrd, foi senador cinquenta e um anos.

A presidência do senado é exercida pelo Vice-Presidente dos Estados Unidos, eleito conjuntamente com o presidente.

O Senado tem funções especiais, é como um corpo de conselheiros do presidente dos EUA, daí que tenha de obter a aprovação desta câmara para bastantes decisões importantes, tanto de âmbito interno como internacional; para muitas das quais o presidente, só por si, não tem poderes.

2 O sistema parlamentar com duas câmaras existiu em Portugal desde a monarquia constitucional (Constituição de 1822) até ao final do Estado-Novo em 1974.

– Porque razão não terá sido adotado pela constituição de 1976?

3 Em Portugal, nas eleições para deputados não é seguida a Representação Proporcional. Adotou-se o método de Hondt, mecanismo baseado num modelo matemático que transforma os votos em mandatos; procedimento desconhecido pela maioria dos portugueses. Nas eleições presidenciais há representação direta com base num único círculo eleitoral com sede em Lisboa.

4 Inicialmente membro do partido conservador, Bercow, acabou por ser eleito para o cargo com o apoio do partido trabalhista. Até 1990 foi *deputy mayor* (vice-presidente) em Lambeth — uma autarquia do sul de Londres, onde residem mais de 30.000 portugueses. Cargo para que, em 2017, foi eleito Guilherme Rosa, natural de Tomar; bisneto do fundador do extinto Colégio de Nun'Álvares.

Acrescem as nomeações dos mais de 25.000 altos funcionários, em que o presidente tem de ter a concordância do senado. Estes milhares de funcionários, de facto, são escolhidos pelos senadores do estado respetivo e depois nomeados pelo presidente. Até as candidaturas a algumas carreiras públicas (caso do acesso à carreira militar) estão sujeitas ao patrocínio de senadores e de representantes.

As ações eleitorais, tanto para a escolha do chefe de estado... *estado-unidense* (designação usada em alguns países como o Brasil e a Espanha) como para os membros do congresso, têm subjacentes os partidos políticos. Aqui também predominam as tradições anglo-saxónicas do bipartidarismo, ou seja, da existência de dois grandes partidos: o Democrata e o Republicano; ainda que hajam outros, com várias orientações. Os Democratas e os Republicanos equivalem aos Trabalhistas e aos Conservadores, em Inglaterra; ou seja, grosso modo, respetivamente: a esquerda e a direita.

A origem dos dois poderosos partidos americanos provém das facções que se defrontaram na Guerra da Secessão – a guerra civil americana que decorreu entre 1861 e 1865. Argumento de bastantes filmes, inclusive alguns recentes.

O partido republicano procede dos vencedores, influente sobretudo nas regiões rurais do norte: conservadoras, protestantes, antiescravagistas e, tendencialmente, isolacionistas.

Os vencidos – os *sulistas*, os da farda cinzenta dos filmes – são a origem do partido democrata. Congrega, mais, as populações urbanas, as minorias étnicas e religiosas, provenientes da emigração; é o partido das políticas sociais.

Refira-se que as posições dos partidos se têm alterado ao longo do tempo, ao ponto de terem permutado alguns entendimentos, nomeadamente quanto à abolição da escravatura e ao federalismo.

A intervenção dos partidos na eleição presidencial começa por um processo, interno, que culmina nas *Convenções*, realizados meses antes dos atos eleitorais (este ano foram em agosto), nas quais são indicados os candidatos que venceram as *Eleições Primárias* (que são no âmbito interno dos partidos). Têm, também, uma modalidade em dois graus: uma primeira votação para escolher os delegados e a seguir outra onde estes escolhem o/a candidato/a do partido às eleições presidenciais. Esta forma de escolha dos candidatos não é igual em todos os estados, pois há várias modalidades de escolha nos diversos estados e territórios da união.

É com base nas listas vencedoras internamente, aos partidos, que o povo escolhe os *eleitores presidenciais*, de cada estado, que integrarão o *Colégio Eleitoral* (formado pelos 535 eleitores: 100 senadores mais os 435 representantes) que votará nos candidatos a presidente.

Constata-se uma peculiaridade, entre várias de um complexo sistema de regras eleitorais. Devido à estrutura descentralizada, à ligeira disciplina interna dos partidos e ao facto de cada estado decidir os critérios para escolha dos candidatos, não há a certeza absoluta de quem vota em que candidato. Tendo-se já verificado casos em que eleitores (elementos do Congresso) de um partido votaram no candidato presidencial do outro, por vezes de forma decisiva.



As eleições presidenciais americanas são, assim, do tipo «*eleição indireta em dois graus*» – o que, por vezes, não é fácil de apreender; e raramente é explicado na (nossa) comunicação social.

A primeira fase institucional (ou grau), como vimos, expressa o *voto popular*.

Nas últimas eleições realizadas em 2016, em que foram candidatos Hilary Clinton e Donald Trump, dos mais de 250 milhões de americanos com direito de voto, votaram cerca de 140 milhões. A população total é de 328,2 milhões, segundo dados de 2019.

H. Clinton ganhou nesta fase com mais 3 milhões de votos que D. Trump.

Porém, este, na segunda fase – voto do *Colégio Eleitoral* – teve 304 contra 227, vindo a ser eleito como o 45.º presidente dos EUA.

Foi o quinto presidente a ser eleito pelos *eleitores presidenciais* quando tinha perdido no *voto popular*.

Aliás, o mesmo já se tinha verificado nas eleições de 2000. O candidato Al Gore, do partido democrata, obteve, nas urnas do voto popular, uma vantagem de mais 544 mil votos sobre George W. Bush, mas no *Colégio Eleitoral*, Bush foi da preferência de 271 eleitores enquanto Gore de 266.

Se, na segunda fase ou grau, um dos candidatos não tivesse obtido, no mínimo, 270 votos (dos 538) no congresso, a eleição seria decidida por votação da Câmara dos Representantes; ou seja, em última instância, a decisão caberia aos representantes diretos do povo.

(A discrepância de votantes, nas diversas eleições, advém de ajustamentos no número de elementos do congresso)

Uma vez eleito para exercer as funções de “xerife planetário”, o presidente dispõe de um gabinete (governo) constituído pelos Chefes dos Departamentos, designados secretários – o departamento federal é equivalente ao nosso ministério – dos quais o primeiro é o Departamento de Estado, isto é, o ministério dos negócios estrangeiros. Seguem-se outros das várias áreas da governação dos quais o mais recente, criado em 2003, é o Departamento de Segurança Interna, uma derivação do Departamento do Interior – este corresponde ao ministério da administração interna português.

O presidente é chefe de estado e também chefe do executivo, ou seja: chefe do governo – mais do que primeiro-ministro, cabendo-lhe nomear os chefes dos departamentos, que são pessoas da sua confiança pessoal e executantes das políticas por ele estabelecidas.

Na justiça, como todos os juizes federais são considerados funcionários superiores da união, cabe-lhe a nomeação destes, se bem que sujeito à anuência do senado.

Acumula, ainda, o importante cargo de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Americanas. O que por norma acontece nos regimes presidenciais⁵.

Todos estas estruturas governamentais concorrem para que possa dar conta das suas gigantescas tarefas executivas, pois, nas palavras de um antigo presidente americano:

5 *O Presidente da República português é “apenas” o Comandante Supremo das Forças Armadas. O «supremo» na prática quer dizer que, constitucionalmente, não detém o comando direto; quem efetivamente manda na tropa (e em todas as forças policiais, GNR incluída) é o primeiro-ministro. Nestes termos, o presidente é essencialmente um «gestor de símbolos» — tal como o rei na maioria das monarquias atuais.*

«nenhum rei absoluto alguma vez teve de tomar decisões como ele toma, nem de assumir as responsabilidades que assume, nomeadamente, como comandante do exército mais eficaz do mundo».

Quando se refere exército, está-se a falar de todas as forças armadas e outros departamentos de defesa interna e externa, cuja totalidade será difícil sabermos.

Este ano vão haver (o processo está a decorrer) eleições presidenciais nos EUA e um estigma pende sobre o presidente a eleger ou reeleger...

Como é do conhecimento geral, há uma certa “tradição” de mortes de presidentes em exercício: quatro de morte natural e outros tantos assassinados. Só que haviam sido eleitos ou reeleitos em anos terminados em zero!

Enfim, pelos vistos mais uma ameaça, além do *Covid-19*, para o futuro “xérife”!

Jorge Oliveira Monteiro

Sóc. Orig. n.º 1072

O Rio Vouga dos Fuzileiros

Um dia... há cerca de 42 anos, decorria entre S. Jacinto e Sever do Vouga mais um dos muitos exercícios finais com que terminavam os cursos de fuzileiros.

Naquele tempo, os exercícios dos cursos decorriam entre a (mítica) Serra da Arrábida, numa primeira fase) e a região de Aveiro, que, em boa verdade eram a península de S. Jacinto, os canais da Ria e as serranias de Sever do Vouga. Um dos exercícios que todos faziam era a descida do rio Vouga, em botes de borracha, desde Pessegueiro do Vouga até S. Jacinto.

Fazia-se muito bem, com a corrente do rio, até Cacia, mas depois vinha o cabo dos trabalhos para vencer as marés e o labirinto de canais e ilhas no delta do rio. Vim a saber, mais tarde, quando fui à Guiné que assim era, também, o labirinto de alguns dos seus rios, apesar de que as correntes de maré eram mais poderosas, com os canais a desaparecerem e a transformarem-se em campos de lodo e tarrafe.

E, como dizia eu, um dia em que os alunos andavam pelas serranias, vim ver o local onde tinham de começar a descida do rio.

Era exactamente em Poço de Santiago, perto da velha ponte ferroviária, onde hoje já não passam comboios.

Ali chegámos, a meio da manhã, num velho Land Rover (que devia ser o 19-48 ou o 20-36), eu o Sargento Rafael (Palmela) e o cabo Marreiros. Há dois dias que andávamos pelas serranias, acompanhando os exercícios, e lembro-me que não me lavava nem fazia a barba, desde que lá chegara. Vêm-me à ideia nomes como o monte do “Telégrafo”, do “Redondo”, da “Gralheira”, o “Rio Mau”, enfim, pontos que era preciso galgar e vencer, onde se gelava com a chuva e o frio de inverno, ou se ardia debaixo de um sol abrasador, no verão.



Lembro-me que, no meu curso choveu este mundo e o outro, ao ponto de haver temporal dentro da Ria, provocado pelo vento forte, e da Barra de Aveiro ter estado sempre fechada. Só no final o tempo escampou um pouco e permitiu a vinda dos helicópteros para a os últimos exercícios. Mas neste, que agora recordo, foram duas semanas de calor que se tornavam infernais nas serras de Sever do Vouga.

E nesse dia, pela manhã, quando cheguei ao pé do rio, fui tomado pela frescura da água corrente e não resisti à tentação (eram privilégios de instrutor). Não me lavava, nem fazia a barba há três dias e tirei as botas e as calças e entrei dentro de água, onde me refresquei e fiz a barba, com o Vouga a servir-me de espelho.

E hoje, quando por ali passei, de férias, recordei com saudade esse momento único, vivido com a força dos meus 23 anos de idade. Olho as águas do rio, que correm como corriam nessa altura, e sinto a mesma frescura e o prazer de me lavar, depois de alguns dias de pó e suor, pelas serras.

Nunca mais o esqueci e, quando passei por Poço de Santiago, onde ainda está a mesma ponte ferroviária onde já não passam comboios, fui à procura do mesmo caminho que permitia ir de jeep até ao rio e permitia que a viatura pesada com os botes, descesse um pouco, para ser descarregada.

Já lá não está, ou já mal se vê, no meio da vegetação e cortado pelas obras que foram feitas na estrada. Sobra dele uma pequena plataforma, que foi tomada pela vegetação e que já não tem acesso à estrada, porque ela agora está arranjada (como tem de ser) e as protecções laterais cortaram esse acesso.

Mas está lá o mesmo rio Vouga e a mesma ponte, que foram suficientes para eu recordar aquele episódio de há 42 anos. Um momento único, que, provavelmente, já só existe na minha memória.

Nesse longínquo dia de 1978, mais para o final da tarde, chegaram ali os alunos e, naquele sítio onde o velho caminho faz hoje um parapeito, foram montados os botes e começou a descida para S. Jacinto.

Quando por lá passei, este ano, almocei num restaurante que também fica junto ao rio, mas mais a montante, e passei ali um pedaço da tarde recordando, com muita nostalgia, o que foi uma das minhas outras vidas, usando já uma boina azul com âncora.

Recordei o que eram os exercícios de S. Jacinto, na mata ou na Ria que, à noite, ganhava os contornos de um labirinto.

Vieram à ideia nomes como Ilha do Monte Farinha, Moranzel, a Raquete, locais onde me ensinaram de quantos paus se faz uma canoa e onde, depois, eu ensinei outros a fazer o mesmo.

São assim as histórias dos Fuzileiros, vividas um pouco por todo o mundo. Oiço-as desde que entrei pela primeira vez à porta de armas, em Vale de Zebro.

As mais intensas passaram-se na Guiné, em Angola ou Moçambique, conforme o destino que lhes reservou a guerra terminada em 1974.

Mas, antes de partirem para África, começaram as vivê-las na Serra da Arrábida, S. Pedro de Muel ou Aveiro.

Jorge Semedo de Matos





St. John's School

TODDLERS * NURSERY * RECEPTION * YEAR 1

From 1 to 5 years old - Independent Classes

UK NATIONAL CURRICULUM

Open from 8 am to 7 pm

Curricular Activities: Computers, Theatre, Music, Physical Education, Climbing, Arts & Crafts

Swimming lessons at School

Continuation at St. James' Primary School

Phone Number: 214 867 966 – Fax 214 823 151
Av. Marechal Carmona, 366
2750-312 CASCAIS
E-mail: info@stjohns-school.com * www.stjohns-school.com



Divisão do Mar e das Actividades Lúdicas e Desportivas

Secção de Tiro Desportivo Novos atletas



No passado dia 27 de Junho, a Associação de Fuzileiros levou a Exame da Federação Portuguesa de Tiro mais três sócios que vão iniciar-se em 2020 nas competições desportivas em representação da nossa associação.

O exame de acesso teve lugar em Lisboa nas instalações da Carreira de Tiro do Complexo Desportivo do Jamor sob a supervisão da FPT e PSP.

A preparação dos atletas esteve a cargo da Secção de Tiro da AFz, teve como base a preparação teórica acerca de regulamentos e regras de segurança, bem como prepara-los tecnicamente para a realização do manuseamento de arma curtas na carreira de tiro e realização de tiro a dez metros em espingarda de ar comprimido.

Os atletas após submetidos a exame, foram dados como aptos passando a Secção de Tiro da Ass. de Fuzileiros a contar com um efectivo de quarenta e um atletas de tiro desportivo.

Para o primeiro trimestre de 2021, já começámos a receber candidaturas de actuais sócios para novo exame.

A todos votos de boas competições e bons resultados...

Tiro Desportivo

OPEN de Portugal em IPSC 2020



Realizou-se no passado dia 27 de Julho na Unidade Especial de Polícia em Belas, o OPEN de Portugal de IPSC 2020. Esta competição desportiva de tiro pratico dinâmico realizada com arma curtas (pistola e revólver) de calibre igual ou superior a 9 mm contou a presença de cerca de 80 atletas de vários clubes nacionais.

A Associação de Fuzileiros fez-se representar por cinco dos seus atletas praticantes da modalidade. Uma modalidade bastante exigente a nível físico e técnico, onde além da forte competição, prevalece sempre o saudável convívio entre atletas.

Espada Pereira
Sóc. Orig. n.º 445
Chefe da DMALD

Compromisso total
na preparação
e manutenção
de qualidade

INSTITUTO MÉDICO
& DENTÁRIO DO BARREIRO

**TENHA DENTES FIXOS
NO PRÓPRIO DIA**

**SORRIA E MASTIGUE
COM CONFIANÇA**
VENHA TER CONNOSCO E OUÇA
TODAS AS SUAS POSSIBILIDADES.

PRÓTESE FIXA
SOBRE
4 IMPLANTES

• PROTOCOLO •
ATE
30%
DESCONTO*
A ASSOCIAÇÃO DE FUZILEIROS

MARQUE JÁ
T 212 141 145 | 968 734 073
2ª e 4ª das 09H-20H • Salvo das 09H • 14H
Rua Miguel Boverente n. 215, | 2830-069 Barreiro

insdbarreiro
geral@insdbarreiro.pt
www.clinica.sind.pt

*Candidatos inscritos no âmbito do Protocolo entre a Associação de Fuzileiros e a SIMD do grupo de Belas.

Conversa entre Fuzileiros

O Capitão-de-Mar-e-Guerra FZ Leão de Seabra (MLS), actual presidente da Direcção Nacional da Associação de Fuzileiros, foi convidado para uma entrevista para a Revista O Desembarque («Des»).

Em virtude das restrições sanitárias actuais, a entrevista foi feita através da *Net*.

CMG FZ Manuel Leão de Seabra

63 anos, natural de Vandoma / Paredes (Douro)

Ingressou na Marinha em 1978, tendo prestado serviço em várias Unidades de Fuzileiros com destaque para os comandos da CF33, CAF, UMD, UPN e BF1.

No âmbito da formação, comandou a CAE, foi Diretor do CFS, chefe do GTE, GTP e GPC desempenhando, ainda, as funções de 2.º Comandante do BI e 2.º Comandante da Escola de Fuzileiros.

No EM do CCF, foi Chefe da DIVINFO.

No COMNAV foi Chefe do Gabinete do Comandante Naval e Assessor de Comunicação.

No âmbito da O.N.U., cumpriu uma comissão em Angola (UNAVEM III) e outra em Timor-Leste (UNTAET).

Finalmente, no âmbito da CTM, cumpriu uma comissão em Moçambique e outra em Cabo Verde, como Diretor-Técnico dos Projectos FZ.

Actualmente é o Assessor de Comunicação do Comandante do Corpo de Fuzileiros.



«Des» - Quer nos falar sobre os primórdios e historial da Associação de Fuzileiros?

MLS - Logo após a Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974) alguns militares apareceram na praça pública a desempenharem funções de “comissários políticos”, perante a passividade das respetivas chefias. No decurso de vários meses, até ao 25 de Novembro de 1975, encontravam-se nas ruas vários indivíduos vestindo camuflados, cabelos compridos, boinas militares “postas às três pancadas”, sem distintivos das armas e unidades, substituídos estes por foices e martelos, ou por alegorias a “Che Guevara” e “Mao Tse Tung”.

Foi neste contexto que - face ao descalabro revolucionário no âmbito da indisciplina gerada nas instituições castrenses em geral e em algumas unidades militares em particular, onde a “autogestão” era aceite como um mal menor - alguns militares fuzileiros

no ativo, na reserva e na reforma, decidiram criar a Associação de Fuzileiros (AFZ).

Tratou-se de um movimento que emanou dos homens que através dos anos instruíram e prepararam os Fuzileiros para combaterem no Ultramar, coadjuvados por muitos distintos e distinguidos Veteranos de Guerra. Após a celebração da escritura notarial (29 de Março de 1977), considerando o vazio dos objetivos invocados para a sua criação, muito por força do regresso à normalidade dentro dos quartéis, a AFZ entrou em letargia.

Passados vinte e dois anos, em Agosto de 1999, identificados que foram novos objetivos essenciais para a apresentação do seu estatuto, um grupo de fuzileiros decidiu (re)ativar a AFZ iniciando as suas atividades em 26 de Fevereiro de 2000, com a primeira eleição dos órgãos sociais.

«Des» - E quais foram e são os objetivos essenciais que justificaram e justificam a existência e a importância da AFZ?

MLS - 1. Salvar, conservar e desenvolver os valores que sempre presidiram ao espírito de serviço, de camaradagem, de lealdade, de coragem, de sacrifício e de solidariedade dos Fuzileiros da Marinha de Guerra Portuguesa;

2. Promover a elevação das qualidades cívicas e culturais dos seus membros;

3. Defender os direitos dos associados, seus cônjuges, ascendentes e descendentes – incluindo, no que respeita às responsabilidades de Portugal perante as consequências dos estados de guerra em que este se haja envolvido ou venha a envolver ou, ainda, no que concerne às missões de apoio à paz ou de interposição a que venha a ser chamado, no país ou no estrangeiro – procurando que





se ajustem à adequada integração social do associado ou à justa compensação dos seus ascendentes ou descendentes e, designadamente:

- a) - Procurar apoiar os sócios na obtenção de emprego, quando tal se reconheça indispensável à respetiva integração na sociedade civil;
- b) - Procurar apoiar os sócios e seus familiares diretos, que se encontrem em dificuldades sociais, económicas ou de saúde;
- c) - Promover, quanto possível, a obtenção rápida das pensões de sobrevivência em relação a viúvas, pais ou filhos de sócios falecidos incluindo, também, os familiares diretos dos que faleceram antes da fundação da AFZ;
- 4. Promover e desenvolver laços de amizade e camaradagem, não só entre os associados, como com todos aqueles que tenham colaborado com os Fuzileiros ou com a Marinha de Guerra Portuguesa, bem como desenvolver relações de colaboração e entreaduça com outras Associações Nacionais ou Internacionais;
- 5. Desenvolver intervenção cultural e científica, em especial, no campo da História, da Náutica, Ciências Militares, Geografia, Matemática, Música e Artes Plásticas;
- 6. - Promover atividades sociais, culturais e desportivas, estas em especial relacionadas com o mar e orientadas, preferencialmente, para os descendentes dos associados.

Hoje, com 43 anos de associativismo, mas quase com 400 anos de história, aqui estamos orgulhosos do nosso trabalho sempre envolto nos princípios e na mística dos Fuzileiros, porque:

Fuzileiro uma vez, Fuzileiro para sempre!

«Des» - Quais as vantagens de ser sócio desta Associação?

MLS - A Associação é constituída por Sócios Originários, Efetivos, Honorários, de Mérito, Descendentes, Aderentes e Coletivos. Em 2019 foi acrescentado, a esta tipologia diversificada, a qualidade de Sócio Institucional.

Mais importante que descrever o significado, direitos e responsabilidades da tipologia de cada associado interessa, isso sim, esclarecer que todo o cidadão pode ser sócio desta instituição bastando, para o efeito, identificar-se com o espírito do Fuzileiro e com os objetivos da AFZ. Dos cerca de 1.500 sócios atualmente existentes, muitos são civis familiares e amigos de Fuzileiros, outros são militares da Marinha de Guerra Portuguesa, vários pertencem aos outros Ramos da Forças Armadas e alguns são estrangeiros.

Para apoio aos nossos sócios, a AFZ vem firmando protocolos com várias instituições cujos serviços pretendem ir ao encontro dos interesses de todos, com especial incidência dos interesses dos escalões etários mais avançados.

Dito isto, as vantagens da posse e utilização do cartão de sócio da AFZ é enorme quando o sócio necessita de algum serviço das instituições protocoladas. Por outro lado, ser nosso sócio tem outras vantagens, como são exemplo a permanente disponibilidade de informação relacionada com a atualidade e desenvolvimento da Associação, dos Fuzileiros e da Marinha, receber periodicamente a nossa revista “O Desembarque” que contempla, entre outros, assuntos relacionados com os protocolos, histórias vividas por muitos dos nossos veteranos, exercícios e empenhamentos nacionais e internacionais dos Fuzileiros e, claro está, as ações que a AFZ e as suas Delegações e Núcleos andam a desenvolver, quer ao seu nível, quer ao nível regional.

Em suma, considero que a maior vantagem de ser sócio da AFZ, para além da capacidade de se sentir umbilicalmente integrado numa força de elite a que pertence ou a que já pertenceu, é o inexplicável e apaixonante sentimento de “ser e de pertencer!”.

«Des» - Como é que a AFZ se articula em termos nacionais?

MLS - Atualmente a AFZ, cuja sede se encontra localizada no Barreiro, é constituída pelas seguintes Delegações, Núcleos e Grupos Associados:

- Delegação de Fuzileiros do Douro Litoral – Sede em Vila Nova de Gaia
- Delegação de Fuzileiros da Beira Alta – Sede em Viseu
- Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas – Sede em Juromenha
- Delegação de Fuzileiros do Algarve – Sede em Portimão
- Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima – Sede no Barreiro
- Núcleo de Fuzileiros Motociclistas – Sede no Barreiro
- Núcleo de Fuzileiros de Vale do Sousa – Sede em Vale do Sousa

Além destes, a AFZ integra a “Rádio Filhos da Escola” e os “Cadetes do Mar – Fuzileiros” estando, em estudo, a criação dos respetivos Regulamentos Internos que os tornarão “Núcleos” da AFZ.

Em termos internacionais, a AFZ tem Acordos de Cooperação estabelecidos com a Asociación Nacional de Veteranos Del Real e Glorioso Cuerpo de Infanteria de Marina de la Armada Espanola (AVIME 1537) e com a Associação de Fuzileiros de Cabo Verde (AFZ CV). Para que conste, esta AFZ CV, foi criada há pouco mais



de um ano desenvolvendo, desde então, importantes ações militares e cívicas com reconhecido mérito nacional, principalmente das Forças Armadas e rege-se por estatutos e regulamentos semelhantes aos da nossa Associação que, aliás, apadrinhou a sua criação.

Acresce informar que, de momento, estão em cima da mesa várias propostas de criação de novas Delegações/Núcleos constituídos, na íntegra, por fuzileiros e que gostaríamos de acrescentar, brevemente, à nossa lista. Serão eles, a Delegação/Núcleo de Fuzileiros dos Açores, o Núcleo de Fuzileiros Pilotos da TAP, o Núcleo de Fuzileiros da Polícia Judiciária e uma Delegação/Núcleo de Fuzileiros de Trás-os-Montes. Aguardamos os desenvolvimentos previstos no Estatuto, para a sua desejada criação.

«Des» - A AFZ teve várias ações de apoio solidário decorrente da epidemia do Covid 19. Quais foram essas ações?

MLS - A situação pandémica que a humanidade vem atravessando e que, em Portugal, teve o seu início oficial em meados de Março deste ano, vem afetando tudo e todos, com consequências imprevisíveis sendo que as relacionadas com a saúde e a sobrevivência humana foram, de imediato, notadas.

Atentos e cumpridores das normas decretadas pelo estado e das orientações da Direção Geral da Saúde, a AFZ e as suas Delegações e Núcleos, viram-se forçados a cancelar eventos de muita importância e significado, não só para os seus associados, mas também para a comunidade local residente na proximidade das nossas sedes. Porque se desconhece o termo desta pandemia, que parece alastrar em vez de diminuir, outros eventos correm o risco de serem suspensos, adiados ou cancelados.

Pese embora a AFZ continue permanentemente atenta à situação geral dos seus associados, a quem deve apoio incondicional, não resistimos aos apelos solidários emanados por diversas instituições no sentido de os apoiar de diversas formas, incluindo o fornecimento de refeições. Foi assim que, com o apoio inestimável do concessionário do nosso restaurante, avançamos para o terreno e fornecemos refeições à Proteção Civil e ao Hospital, sem descorar a GNR e a PSP, todas instituições do Concelho do Barreiro. Localmente, as nossas Delegações apoiaram as diversas iniciativas regionais, dentro das suas possibilidades. A pedido das instâncias superiores, o Núcleo de Fuzileiros Motociclistas disponibilizou-se, também, para efetuar a entrega de medicamentos a pessoas necessitadas do Distrito de Setúbal.

Como nada disto ainda terminou, continuamos preocupados, atentos e disponíveis para ajudar!

«Des» - A Associação de Fuzileiros está de parabéns com a aprovação na Assembleia da República em 25 de Julho de 2020 do Estatuto do Combatente, pelo seu papel determinante no grupo de trabalho da Associação do Movimento Cívico dos Antigos Combatentes (MAC), que negociou com a Secretaria de Estado da Defesa este importante diploma. Que lhe oferece dizer sobre esta matéria?

MLS - A AFZ não pode, em circunstância alguma, substituir outras entidades, principalmente as que se encontram vocacionadas para agilizarem determinadas matérias. É o caso da recente aprovação do Estatuto do Antigo Combatente (Lei n.º 46/2020, de 20 de Agosto) e das consequências dele resultantes.

Sabemos que já foram emanadas diversas respostas a dúvidas levantadas sobre a sua aplicação, bem como prestados todos os esclarecimentos sobre a aquisição do respetivo “Cartão de Antigo Combatente”, pessoal, intransmissível e vitalício, bem como da “Insignia Nacional do Antigo Combatente”. Compreendemos, na generalidade, a “pressa” dos legítimos utentes com direitos associados, não só porque esperaram “uma vida” por esta aprovação,



mas também porque a idade de alguns já não “sobra” para perdas de tempo com mais atrasos na sua aplicação.

Interessa referir que a AFZ tem, desde 2016, assento no Grupo de Trabalho aludido, através de um representante da Direção constituindo-se, desde então, o porta-voz das preocupações dos nossos sócios veteranos. Assim vai continuar até a situação ficar totalmente resolvida.

Estatutariamente, a AFZ existe para cumprir os objetivos que fundamentaram a sua criação, desde logo a proteção e o apoio incondicional aos seus sócios. São estes efetivos que ao longo de décadas vêm apoiando a AFZ, colaborando nos diversos trabalhos e pagando as suas “quotas” garantindo, desta forma, a sua sobrevivência e o enorme prestígio com que é conotada.

Neste contexto, interessa lembrar que nem todos os Antigos Combatentes (Fuzileiros) se dignaram, ainda, integrar o coletivo de sócios da AFZ... mas ainda estão a tempo!

Vamos tentar ajudar todos os que nos abordarem sobre esta problemática, mas, legitimamente, daremos prioridade aos nossos associados sem os quais não existiria a AFZ e não estaríamos a falar, agora, deste tema tão importante.

Para concluir, informo que os combatentes que ainda não receberam o AVP (Acréscimo Vitalício de Pensão), devem contactar o MDN, através do telefone 213 804 200 ou do portal antigos.combatentes@defesa.pt

Abel Melo e Sousa
Sóc. Orig. n.º 398
CFR FZ REF



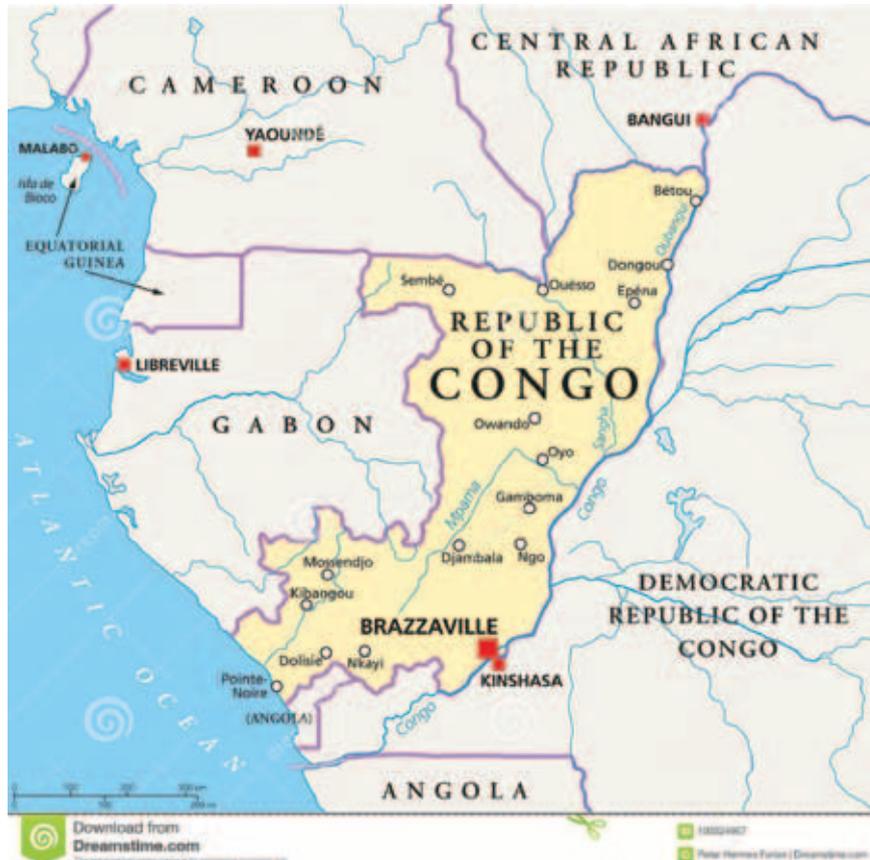
Estórias à volta da Operação Leopardo

Atividade da ELIPAZ em Brazzaville, República Popular do Congo

Parte II



José António Ruivo



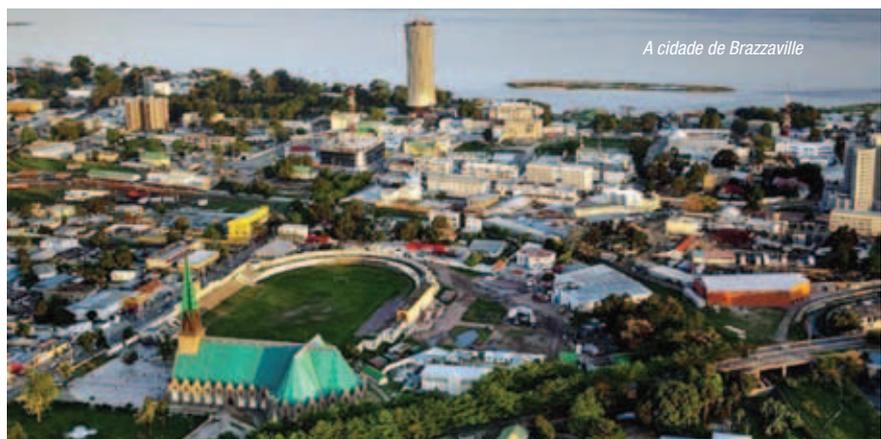
O Consulado

A atividade da ELIPAZ (Equipa de Ligação para o Zaire) em Brazzaville foi muito facilitada devido ao apoio incansável do pessoal do consulado, que dependia da embaixada em Kinshasa. O titular do cargo era um cidadão congolês, cônsul honorário, a quem nunca vimos, uma vez que se tinha incompatibilizado com o embaixador, em Kinshasa. Na prática, o consulado era dirigido pela secretária, uma senhora portuguesa, muito competente, casada com um português, antigo sargento dos comandos, muito ativo e com grande espírito prático que nos tratava de toda a logística.

Bom conhecedor da cidade, no seu pequeno jeep Suzuki Vitara com a bandeira portuguesa sempre no tablier como cartão de visita, que tudo facilitava, era incansável e estava sempre disponível para nos transportar aonde fosse preciso e a ajudar a abrir as portas necessárias para que pudéssemos levar a bom porto a nossa missão.

O Salvo Conduto

De cada vez que tínhamos de atravessar o rio Zaire entre Kinshasa e Brazzaville era necessário proceder às formalidades fronteiriças, tanto na saída como na entrada, o que implicava o preenchimento do respetivo formulário, aguardar na fila para carimbar o passaporte, etc., o que normalmente demorava bastante tempo.



A cidade de Brazzaville

O funcionário em Brazzaville era quase sempre o mesmo de modo que, ao fim de algum tempo, já trocávamos cumprimentos em francês. Para cativarmos as suas boas graças e agilizarmos o processo, resolvemos oferecer-lhe duas garrafas de *whisky*.

Ficou radiante e agradeceu muito a gentileza e disse-nos para, da próxima vez, trazermos duas fotos. Isto sem mais explicações.

E foi assim que, a partir de então, nos arranhou um salvo conduto que nos permitia atravessar a fronteira sem qualquer burocracia.

Negociação das SOFA para a FORREZ (Força de Recuperação para o Zaire)

Os franceses tinham demorado três meses para negociarem o estatuto das suas forças em Brazzaville, nós conseguimos o mesmo em apenas quinze dias. Isso apenas foi possível devido à excelente imagem que Portugal e os portugueses tinham na República Popular do Congo.

Isto porque uns anos antes, na sequência de graves tumultos em Luanda devido a confrontos entre o MPLA e a UNITA, os diplomatas congolezes foram evacuados pela Força Aérea Portuguesa e eles não se tinham esquecido desse favor.

O ministro da Defesa, que já tinha visitado Portugal a convite do seu homólogo português e que falava um pouco a nossa língua, foi de uma extrema gentileza, agilizando a burocracia e agendando rapidamente as reuniões solicitadas pela nossa embaixada. O mesmo se passou

com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, resolvendo-se em dois ou três dias o que normalmente poderia levar semanas. E assim, ao fim de quinze dias, o nosso Embaixador deslocou-se ao MNE em Brazzaville, para assinar o acordo sobre o estatuto dos militares portugueses naquele país e sem o qual a nossa Força não se poderia estabelecer nem movimentar. Tivemos também reuniões com o Reitor da Universidade de Brazzaville, de igual modo um bom amigo dos portugueses, que nos disponibilizou um edifício para alojar temporariamente os cidadãos portugueses que fossem evacuados de Kinshasa. Nesta universidade era lecionada uma aula de português, com cerca de 120 alunos.

Como curiosidade refere-se que em duas ocasiões em que fomos ao Ministério da Defesa, um dos soldados que estavam no controlo de acessos reconheceu, pelos nossos passaportes, que eramos portugueses e falou connosco em português. Soubemos depois que eram militares angolanos, do MPLA, que apoiava o regime da República Popular do Congo, enquanto que a UNITA apoiava as forças de Mobutu, no Zaire.

O aeroporto à nossa disposição

O aeroporto de Brazzaville encerrava ao tráfego aéreo entre as 23 e as 6 horas da manhã, o que nos colocava um problema, uma vez que o avião C130 da FAP que transportava a FORREZ estava previsto aterrar pelas 3 horas da madrugada. Através dos bons ofícios do Ministro da Defesa com quem os elementos da ELIPAZ já tinham estabelecido muito boas relações pessoais, foi-nos agendada uma reunião com o Diretor do aeroporto para tentarmos resolver a questão.

E aconteceu então uma coisa extraordinária: como o aeroporto encerrava completamente, não ficando ninguém nas instalações, e provavelmente antecipando que as vias oficiais conduziriam a um beco sem saída, o Diretor perguntou se o nosso avião podia aterrar pelos seus próprios

meios, sem necessitar dos meios técnicos do aeroporto, ao que o camarada da Força Aérea, conhecedor da matéria, respondeu que sim.

Então o Diretor mandou que nos entregássemos uma chave para nós podermos entrar nas instalações e acedermos à pista. E foi assim que à hora aprazada lá estávamos os dois, donos do aeroporto, e o oficial da FAP com um par de raquetes a orientar a aterragem e o estacionamento do C 130, o qual levantou voo de regresso ainda antes de o aeroporto abrir.

A Base da FORREZ

Devido às excelentes relações desenvolvidas entre a ELIPAZ e o comando das Forças Francesas em Brazzaville, onde estes dispunham de uma Base Permanente, foi possível obter o seu inestimável apoio que se traduziu na cedência de um espaço, dentro do perímetro da sua Base, para o estabelecimento da nossa Força e o empréstimo de uma empilhadora e de uma viatura pesada que se revelaram essenciais para descarregar o avião C130 e transportar o material (perto de 30 toneladas) do aeroporto para o local da BTE, uma zona muito arborizada e por isso mais fresca, a meio caminho entre o aeroporto e a baixa da cidade.

Rapidamente o pessoal meteu mãos à obra e em pouco tempo a Base estava operacional: tendas insufláveis, depósitos de água flexíveis com sistema de chuveiros, comunicações por satélite, e refeitório com o indispensável BAR que, em pouco tempo, se tornou bem conhecido dos militares franceses.

As forças francesas, constituídas essencialmente por legionários, tinham nas suas fileiras alguns portugueses – descendentes de emigrantes – que, como não podia deixar de ser, e à boa maneira portuguesa, começaram a fazer do nosso bar o seu local de convívio entre patrícios, muitas vezes trazendo consigo outros militares franceses.

Os WC's trazidos pela FORREZ eram contentores de plástico individuais, com sanita assética. Certo dia, foi uma risota geral quando veem um grumete, acabado de entrar num deles, sair rapidamente a correr, ainda com as calças na mão. Lá dentro uma cobra tinha aproveitado o fresco do interior para se enroscar.

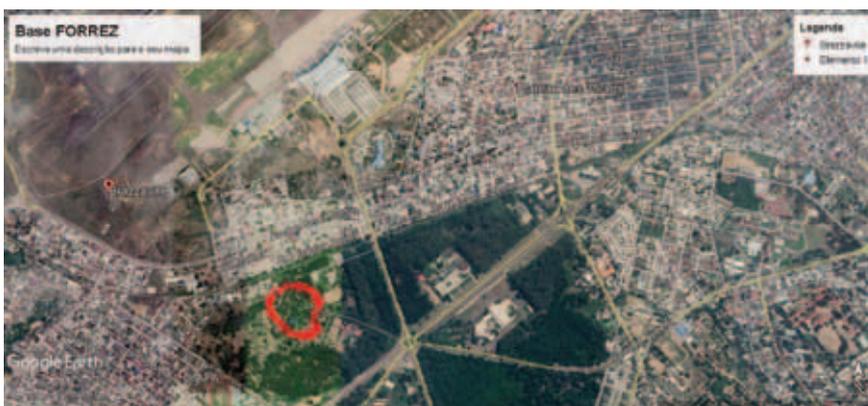
As viaturas trazidas pela força, um Unimog e um Jeep, eram manifestamente insuficientes para as necessidades de transporte logístico. O problema foi resolvido com a cedência de uma viatura de carga, gratuitamente, por um cidadão português estabelecido em Brazzaville e pelo aluguer de duas carrinhas de transporte de pessoal contratadas no mercado negro, num musseque, e pagas à cabeça em dinheiro vivo.

O aeroporto no meio do mato

Quando regressávamos de uma deslocação entre Brazzaville e Ponta Negra, fomos informados que o avião, um aparelho Antonov a turbo-hélice com tripulação russa, iria fazer uma escala técnica em Dolisie, a terceira maior cidade do Congo, localizada no interior do país. Assim que o aparelho descolou e ganhou altitude, começou a entrar bastante vapor para a cabine através da fuselagem. Apesar de naturalmente apreensivo, reparei que os restantes passageiros se mantinham calmos pelo que deduzi que a situação era normal e não haveria problema de maior. E realmente, passado algum tempo a fumaça desapareceu e lá seguimos viagem.



Briefing da Forrez



Quando o avião começou a descer olhei pela janela com curiosidade de ver como seria a tal cidade e o respetivo aeroporto. Mas só se via floresta, o que me deixou intrigado. Afinal, o aeroporto da terceira maior cidade do país era uma pista de terra batida, no meio do mato, sem qualquer edifício ao seu redor. Quando o aparelho pousou e estacionou na pista, uma hospedeira informou-nos que podíamos sair, mas recomendou que não nos afastássemos muito pois a escala seria de curta duração. O passageiro sentado ao meu lado,

um negro com quem tinha trocado algumas palavras em francês, quando descíamos as escadas do avião e vendo apenas floresta à nossa volta, virou-se para mim e comentou: mas afastarmo-nos para onde? Realmente, tinha-se a sensação de que se dessemos um passo para fora da pista, seríamos possivelmente devorados por algum leão.



Militares angolanos na RDC

No entanto, o aeroporto dispunha de todos os serviços normais e necessários para os passageiros: o WC era atrás de qualquer árvore, o check-in era feito numa mesa desengonçada debaixo de uma grande árvore onde o funcionário tratava de todos os procedimentos habituais e não faltava sequer um bar, uma grande caixa térmica com pedaços de gelo e onde havia águas, cervejas e refrigerantes. Ao fim de meia hora e tratadas as burocracias lá seguimos viagem até Brazzaville, sem mais problemas e com uma bela estória para contar.

O Relatório

Quando nos encontrávamos em Brazzaville não dispúnhamos de meios próprios para enviarmos os relatórios de serviço para o EMGFA. Normalmente aguardávamos o regresso ao nosso gabinete na Embaixada em Kinshasa para os enviarmos um ou dois dias depois. Mas, numa altura em que tivemos de permanecer mais tempo em Brazzaville e tínhamos urgência em enviar um relatório, a solução encontrada foi muito original. O relatório foi escrito numa máquina de escrever das antigas emprestada pela secretária do Cônsul. Para o envio fomos a uma loja de um “monhé” de onde se podia telefonar ou enviar faxes e lá enviamos o relatório por este meio.

As Estatuetas

Certo dia por graça comprei num mercado de rua em Kinshasa três pequenas estatuetas de bronze representando aqueles macaquinhos em que um tapa a boca, outro os ouvidos e outro os olhos. No dia do regresso a Portugal, no aeroporto de

Brazzaville, a minha mala é colocada de lado para ser revistada pelo funcionário. Eu sentia-me à vontade pois não era portador de nenhum artigo ilegal, pensava eu.

Então o funcionário mete as “manámulas” e vasculha, vasculha, nitidamente à procura de alguma coisa com que implicar até que apalpa as estatuetas no meio da roupa. Quando as vê os seus olhinhos brilham e diz, perentório:

– *Isto é arte nativa congoleza e só pode sair com uma autorização especial das autoridades competentes.* Logo percebi o que ele queria, de modo que lhe respondi: - *Agora já não tenho tempo para tratar disso, portanto pode ficar com elas!* Mas é claro que não era isso que lhe interessava e então retorquiu:

– *Mas eu posso passar a autorização, são vinte dólares!*

Ora 20 dólares era cinco vezes mais do que me tinham custado as estatuetas eu não estava para alinhar com mais esquemas. Meti a mão ao bolso, tirei a última nota de vinte CFA (moeda local correspondente a 5 dólares), que trazia como recordação, e disse-lhe que era tudo o que tinha.

Não se fez rogado. Acetou os vinte CFA, sacou de um impresso onde registou a saída das estatuetas que me entregou, sem qualquer carimbo ou assinatura.

As Faturas

Todas as despesas extra que efetuávamos em serviço tinham de ter um recibo para poderem ser justificadas junto do EMGFA quando regressássemos, a fim de serem ressarcidas. Como facilmente se imagina era muito difícil, naquelas circunstâncias, obter esses justificativos.

Quando se tratava de estabelecimentos comerciais lá conseguíamos que nos passassem uns papéis impressos com o timbre da casa. Mas, noutros casos, era um pouco mais complicado.

Os taxistas, que eram o nosso principal meio de transporte, escreviam à mão num quarto de folha A4, já usada de um dos lados, os elementos referentes à viagem e respetivo preço.

Aconteceu até que, para justificarmos duzentos e cinquenta dólares que gastámos para libertar o espião, tivemos de escrever uma declaração em que atestávamos a veracidade dos factos.

No final as coisas até correram bem pois os serviços administrativos foram compreensivos e entenderam as nossas dificuldades, não tendo levantado quaisquer problemas.

José António Ruivo
Soc. Orig. n.º 302

Viaturas celulares da Polícia Naval

– A Ramona –

Na década de 60, a primeira viatura dos Fuzileiros a exercer a função de viatura celular na Escola de Fuzileiros, ainda que de modo “*ad hoc*” para assegurar o transporte de detidos / presos da Armada no âmbito do Serviço de Vigilância, Segurança e Defesa, foi um jipe todo-o-terreno *DODGE WC51* de fabrico Norte-americano.

Tratava-se de um modelo de viatura da 2.ª Guerra Mundial designado popularmente pelas forças militares portuguesas por “*Jipão*”.



De salientar que na Escola de Fuzileiros a sua principal função era servir de viatura administrativa e ministrar instrução de condução.

A partir de Junho de 1974, findas as operações de combate nos TO's (Teatros de Operações) na Guerra do Ultramar em África e redefinição de novos objetivos devido à descolonização de África, foi decidido criar o Serviço de Polícia Naval, sendo este confiado a título permanente aos Fuzileiros. Em Abril de 1975, a criação do BF n.º 1 (Batalhão de Fuzileiros n.º 1) originou uma reorganização e aumento do empenho operacional da Polícia Naval.

É neste sentido que é utilizada uma 2.ª viatura como celular, um furgão de 9 lugares e 5 portas de fabrico alemão - *Hanomag Henschel F25* (AP-17-16), que já fazia parte da dotação da FFC (Força de Fuzileiros do Continente), não recebendo qualquer reforço de estrutura nem pirlampos.

Em 1977, quando se deslocava a Vila Real em diligência para ir buscar um militar da Marinha detido sofreu, durante o percurso, um acidente em Forno de Algodres, não se registando feridos, apenas danos na carroçaria que não impossibilitaram a marcha.

Nos inícios da década de 80 esta viatura já apresentava desgaste considerável, estava com alguma frequência avariada e aguardando reparação no SAO (Serviço de Assistência Oficial) da FFC, tendo sido então determinado superiormente o seu abate ao serviço.

Por esse motivo, no mesmo período de tempo e por quase duas décadas, ainda que esporadicamente, foi utilizado um furgão *Ford Transit Mk1 VAN SWB* de 9 lugares que, quando se justificava, era cedido pelo Comando da FFC para prestar serviço na Polícia Naval no transporte de detidos / presos.

Esta viatura foi abatida ao serviço no início de 1998, segundo os registos da DT (Direcção de Transportes), e em 1999 serviu de alvo em posição estática no Campo de Tiro de Alcochete, aquando do 1.º tiro real efectuado com míssil anti-carro MILAN M1 pelo PELACAR (Pelotão Anti-carro) da CAF (Companhia de Apoio de Fogos) do Corpo de Fuzileiros, contra viatura. Anteriormente apenas se tinha efectuado contra alvo construído.

Em 1990, por forma a colmatar a lacuna existente na dotação da recém-criada UPN (Unidade de Polícia Naval) no que concerne a uma viatura específica para desempenhar esta função, nasce um projecto de aproveitamento de um furgão *Ford Transit Mk2 120 VAN SWB* (AP-21-80) que igualmente fazia parte da

dotação da FFC (de acordo com os registos da DT entrou ao serviço em 16/10/1980).

O projecto arrancou no mesmo ano, com o apoio do então comandante da FFC, obtendo prioridade no SAO e que consistiu em proceder à modificação da viatura em questão para desempenhar a função de viatura celular, tendo sido o mentor do projecto o oficial superior (Cten FZE) que então exercia o Comando da UPN (foi o seu primeiro Comandante e desempenhou funções entre Outubro de 1990 a Outubro de 1992), contando ainda com o apoio do então oficial (OT) responsável pelo SAO da Base de Fuzileiros e restante pessoal lá destacado, sendo de realçar todo trabalho de soldadura efectuado por um elemento do pessoal civil das FA's (Sr. Rui).

Findas as alterações a viatura foi alcunhada de “*Ramona*”, à imagem do sucedido com as suas antecessoras e passou a ser constituída por três compartimentos:

- Uma cabine frontal, com espaço para condutor e 02 guardas, dispoendo no painel de instrumentos um sistema de luzes que assinalava o estado de portas abertas / fechadas e um botão para acionar o pirlampo rotativo;
- Um habitáculo central destinado a detidos / presos ordeiros, dispoendo de bancos virados para a frente, porta de acesso lateral reforçada e uma pequena janela de observação com abertura a partir da cabine frontal;
- Um habitáculo traseiro preparado para detidos / presos problemáticos ou de maior perigosidade, dispoendo de bancos laterais em paralelo à carroçaria, portas reforçadas e respectivas janelas com grades.





De salientar que ambos compartimentos traseiros dispunham de um ventilador para refrigeração de ar, internamente eram forrados com folha de chapa, sendo que esta não apresentava arestas agrestes. As portas do lado exterior possuíam ferrolho para cadeado e internamente existia um gradeamento em rede, como medida de segurança adicional para evitar que os guardas fossem atacados de surpresa ao abrir as portas.

Tinham ainda a peculiar característica de dispor de um urinol que consistia numa simples tubagem situado no pavimento da carroçaria que permitia aos detidos efectuar a descarga das necessidades fisiológicas directamente para o arruamento.

Atendendo às modificações, a viatura necessitou de receber um novo motor e a sua suspensão foi reforçada por forma aguentar o aumento adicional de peso estrutural (observando o disposto no Livrete passou de 1,350 kg para 1,952 kg).

Externamente recebeu uma nova pintura com as cores características da UPN: azul-marinho escuro, respectivo símbolo da Unidade nas portas da frente, assim



como um pirilampo rotativo para sinalizar a marcha de emergência.

Como viatura da dotação da UPN, marcava presença assídua em “*Tactic Displays*” da própria Unidade ou de todo o Corpo de Fuzileiros em Parada, durante eventos comemorativos ou visitas de entidades civis e militares, quer nacionais ou estrangeiras ao CCF.

Era também empenhada em operações de exercício de autoridade, fiscalizando a boa conduta e apresentação dos militares da Armada em espaços públicos, principalmente em locais onde os marinheiros se concentravam em grande número e se previa eventualmente um maior número de detidos: Alcântara, Arsenal, Santa Apolónia, Cais do Sodré, Bairro Alto, etc.

Nestes locais operavam habitualmente Patrulhas Mistas (PN, PE e PA) com as respectivas viaturas.

Ocasionalmente, exercia autoridade sobre militares pertencentes a guarnições de Unidades Navais de Marinhas de Guerra de outros países de passagem por Lisboa e cujos navios se encontravam atracados ou fundeados em Portugal sendo que, por vezes, a título de curiosidade e segundo testemunhos de Fuzileiros que prestaram serviço na UPN, tal era o número de marinheiros estrangeiros detidos que obrigava a “*Ramona*” a realizar várias viagens do

local do delito até à Casa de Reclusão / Estabelecimento Prisional, com a particularidade de optarem por exceder a lotação de lugares na viatura, de modo a limitar o n.º de viagens a efectuar...

Desempenhando a sua função de transporte de detidos / presos e por regra escoltada pelo um Jeep UMM Alter da UPN, chegou a deslocar-se a Lisboa para sessões de julgamento no Tribunal Militar da Marinha e efectuar viagens entre o Estabelecimento Prisional da Marinha situado no G2EA (sob responsabilidade dos Fuzileiros) e Estabelecimentos Prisionais civis e Casas de Reclusão Militares, a título de exemplo: Braga, Elvas, Lisboa, Matosinhos, Paços de Ferreira e Porto.

Foi abatida ao serviço em 2003 com 25.825 km efectuados. Actualmente a UPN não dispõe de viatura celular, mas almeja possuir novamente uma por imperativos de serviço.

Cumprir-me agradecer a pronta ajuda de alguns civis e diversos militares na compilação deste artigo com os seus testemunhos e diligências efectuadas para se reunir informação e nomeadamente fotos para ilustrar o artigo. A todos Bem Hajam!

Rodrigues Morais
Sóc. Hon. n.º 2082

Sorte & Mascotes

Guiné 1966/68

Quem esteve na Guerra do Ultramar, Guiné, dificilmente terá concluído a sua comissão como militar, sem ter sido confrontado com a tarefa de atravessar ou contornar uma bolanha na execução de determinado objectivo operacional traçado.

Ainda que por puro desporto e sem treino específico, a caminhada proporcionava-se na companhia de um camarada fuzileiro ou de um aquartelamento em terra, visitado na passagem.

Também assim é no percurso de vida, cada qual enfrentando travessias de bolanhas minadas em que é preciso ter sorte para as ir transpondo sem danos retirando, bafejado pela sorte, alguma vantagem dos resultados.

O conceito de sorte encerra, em si próprio, algo de aleatório, de destino incontornável e, o que distingue quem a tem de quem a não tem, é exactamente a volatilidade do significado, na forma como o que de bom ou de mau traz vem ao encontro de cada um de nós, ainda que para isso não tenha havido qualquer interferência pessoal significativa.



1967 - O macaco-cão ("kom") baptizado de "Buba", mascote da LFG "Orion"

Quem tinha de atravessar a dita bolanha, podia evitar correr acrescidos perigos optando pelo percurso do caminho pantanoso e alagadiço, penoso de atravessar mas sem a ameaça de existência de minas montadas, contrariamente aos ouriques*, firmes na pisada e mais rápidos na travessia mas com riscos agravados.

Neste sentido e, como analogia, também podemos ajudar construir a nossa própria sorte, prevenindo e alterando determinadamente alguns factos ou a ordem por que vão tomando forma, na prossecução de determinado objectivo.

A insegurança de determinado momento, caso das frentes de guerra, catalisa e gera a busca de mecanismos subconscientes de protecção e atracção da dita sorte em que a fé, míticas crenças, talismãs, amuletos, medalhas ou santinhos, vudus e também mascotes, adquiriam marcada expressão no nosso comportamento e também no das pessoas que nos rodeavam.

* Ouriques - pequenos diques que delimitam as bolanhas retendo a água das chuvas

A ferradura, a pata de coelho, o gato preto, o treze, o corno e a coruja são apenas algumas das muitas manifestações dessa prática fetichista, nenhuma delas garantindo, ao tempo, o regresso assegurado a quem as exhibisse como protecção.

As mascotes, de todos os tipos, vertebrados ou invertebrados, o cão, o macaco o chimpanzé, a cobra e, imagine-se, até um chibo – caso da LFG «Lira», aconchegavam o ambiente no preenchimento de vazios afectivos, creditando protecção, propiciando distração, entretenimento e até algumas exhibições dignas de circo, associando-se-lhe com facilidade a identificação da própria unidade.

Também eu usei religiosamente um pequeno fio de ouro, carinho de familiar, com uma medalha de S. Judas Tadeu, reflexo de crença e fé pessoais que, mais tarde, se quedou perdido num mergulho no mar da ilha João Vieira do arquipélago dos Bijagós.

Na mesma penada, ocorre-me lembrar os morcegos de Bolama ou os pequenos grupos de macacos babuínos, numa grande algarra, pendurados no alto tarrafe nas margens do Cacheu.

Quase me esquecia do pelicano do final da tarde que, todos os dias, como que no cumprimento de um ritual, razava em sentido inverso ao da manhã as águas do Geba direito à foz, para no dia seguinte voltar a repetir o percurso. Não se cansava porquê? Teria sócias?

Não o ver, isso sim, significava o azar garantido de uma saída de Bissau para uma missão qualquer, quiçá mais complicada que a rotina doentia daquele pelicano.

Entre operações e tarefas de bordo salpicadas de episódios exóticos, houve alguma inconsciência do risco corrido nas aventuras inventadas para queimar cartuchos de tempo.

Regressei incólume mas também essa sorte não foi igual para todos. Aqui se recordam, independentemente de ramo, classe e posto.

Manuel Lema Santos
Sóc. Efect. 878
1TEN RN (Lic.)



1967 - LDG "Alfange" - Passageiro especial transportado, um chimpanzé mascote de uma companhia do Exército, fardado a rigor, promovido a Cabo e com braçadeira

Ouriques em Ganturú, onde mulheres trabalham na bolanha
Foto de Abel de Melo e Sousa (CFH Ref)

Fotos de M. Cantiamo de Carvalho, 2TEN FZ RN

Foto do Museu de Marinha



Almirante Nuno Vieira Matias

(9 de julho de 1939 - 13 de junho de 2020)



Como nos recordou tantas vezes, “o tempo é a única grandeza que está sempre a diminuir”!

Uma referência ímpar para a Marinha e para os seus Fuzileiros, incluindo a Associação de Fuzileiros (AFZ) que teve a honra e o orgulho de poder contar com o senhor Almirante Vieira Matias como seu Sócio Honorário.

Para ele o tempo terreno acabou, mas permanecerá para sempre na memória dos seus familiares, amigos, de toda a Marinha em geral e dos Fuzileiros em particular porque parte importante da sua longa carreira por aqui passou.

Faleceu no passado dia 13 de junho e Portugal ficou mais pobre. Nas cerimónias fúnebres estiveram presentes diversas entidades e anónimos que quiseram despedir-se do antigo e prestigiado Chefe do Estado-Maior da Armada.

Passou e deixou sempre a sua marca pessoal de humanismo, serenidade, respeito por todos e fundamentalmente a amizade que lastrou por terras da Guiné, Península do Sombuíá.

A Associação de Fuzileiros, cumprindo as medidas de segurança exigidas pela DGS, marcou presença na sua despedida com uma delegação de representantes muito significativa integrando os Presidentes da Assembleia Geral e da Direção, outros membros da Direção e vários outros associados.

Nos convívios anuais com os “seus fuzileiros” do Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 13 ficou sempre bem patente o excelente relacionamento com todos os homens que o tinham como “o seu comandante”.

No adeus, ficaram para sempre os valores e os princípios que sempre defendeu e que são uma inspiração para todos nós.

Aí, pessoalmente, tivemos oportunidade de observar que muitos deles ainda se lhe dirigiam, apenas, com um “senhor comandante” assim recuando no tempo mais de 50 anos.



Mesmo já muito debilitado a todos correspondia com um largo sorriso e a todos chamava pelo seu nome próprio ou, frequentemente, pelo nome de guerra, forma de tratamento muito habitual entre Fuzileiros.

Percebia-se, naturalmente, que se sentia bem e em casa nestes momentos de convívio com os seus homens, a quem nunca faltava, e com quem desenvolveu natural empatia.

Estava com os seus homens... estava com os seus Fuzileiros!

Obrigado Senhor Almirante e até sempre!

Em reunião da Direção, foi aprovado o “Voto de Pesar” que a seguir se transcreve.

VOTO DE PESAR

SÓCIO HONORÁRIO N.º 559 ALMIRANTE NUNO GONÇALO VIEIRA MATIAS



É com enorme mágoa e profunda consternação que a Associação de Fuzileiros (AFZ) viu partir, no dia 13 de junho de 2020, o Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias, Sócio Honorário n.º 559.

Um dos mais notáveis líderes e militares contemporâneos com uma carreira brilhante ao serviço da Marinha e de Portugal, o Almirante Vieira Matias, neste seu último “desembarque” terreno, deixa marcas indelévels nos Fuzileiros porquanto, mesmo nos períodos difíceis que se atravessaram na sua trajetória profissional, sempre soube defender os interesses e o prestígio deste corpo de tropas especiais da Marinha.

Justo será recordar e eternizar a sua reconhecida prestação operacional enquanto Comandante do Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 13 (DFE13), na Guiné, entre abril de 1968 e janeiro de 1970. Durante este seu comando, executou 35 operações e teve 32 contactos de fogo com o inimigo. Na operação GRANDE COLHEITA, em 23 de janeiro de 1969, na península do Sambuíá, na margem norte do rio Cacheu, capturou cerca de dez toneladas de armamento e munições, uma das maiores apreensões de material na Guerra do Ultramar! O DFE13 causou 83 baixas ao inimigo, destruiu numerosos acampamentos e apreendeu ou destruiu 25 embarcações utilizadas pelos guerrilheiros do PAIGC nas suas cambanças, no atravessar dos rios.

Com a revolução do 25 de abril de 1974 e com o regresso das unidades de Fuzileiros do Ultramar, a Força de Fuzileiros, no Alfeite, onde a maioria das unidades operacionais de fuzileiros se concentravam, ganhou uma particular importância político-militar. O então jovem Capitão-Tenente Vieira Matias comandou a “Força de Fuzileiros do Continente” num período particularmente difícil, conseguindo manter o pessoal disciplinado e promovendo o regresso à normalidade.

Neste momento difícil para a família enlutada e para todos os Fuzileiros, a AFZ recorda e presta homenagem ao Almirante Vieira Matias, que se entregou abnegadamente à causa militar, servindo os Fuzileiros e a Associação de Fuzileiros com a elevação e a responsabilidade de um cidadão íntegro, dedicado e exemplar. Na nossa memória coletiva, fica a referência e a perda irreperável de um Homem de valores, de princípios e de causas, um líder, um chefe, um comandante, um marinheiro, um militar, um fuzileiro...um combatente!

Nestes termos, a Direção Nacional da Associação de Fuzileiros, reunida em 18 de junho de 2020 deliberou, por unanimidade, lavrar um “Voto de Pesar” pelo falecimento do nosso Sócio Honorário n.º 559, Nuno Gonçalo Vieira Matias, cumprindo um minuto de silêncio.

A Direção



Almirante Andrade e Silva

A última visita



Como diz o poeta “o sonho comanda a vida” e foi o sonho de um homem tornado realidade, que permitiu que a Fragata D. Fernando II e Glória voltasse a navegar depois do pavoroso incêndio de 3 de Abril de 1963, que parecia tê-la aniquilado para sempre.

Esse homem foi o Almirante António Andrade e Silva, que sempre acreditou ser possível dar vida ao que restava de um belo navio à vela que tinha feito a “Carreira da Índia” e que tão bons e valiosos serviços havia prestado a Portugal.

Com o relato da última visita a bordo do Almirante António Manuel Andrade e Silva feita em 12 de Abril de 2008, algumas semanas antes do seu falecimento, pretendemos homenagear mais uma vez um grande Senhor, um Marinheiro e, acima de tudo, um grande Ser Humano.

No início de Abril de 2008, comandava eu a Fragata D. Fernando há cerca de um ano, recebi um telefonema do Almirante Andrade e Silva expressando o seu desejo em visitar a “sua” Fragata, acompanhado da família e alguns amigos.

Com a sua delicadeza habitual referiu que me dispensava de o acompanhar pois, tratando-se de um Sábado, não queria comprometer o meu fim-de-semana.

Apesar de saber que a Fragata não tinha segredos para ele, fiz questão de estar ao Portaló na hora da sua chegada.

O navio tinha sido o mais possível aprimorado, os amarelos polidos e o convés e demais pavimentos a condizer, e assim lá estava eu, em sentido e em continência, com o pessoal de serviço formado a meu lado a recebê-lo na entrada a bordo.

A comitiva de visitantes, formada por cerca de 16 pessoas, incluía a sua mulher, filhos, amigos e netos, sendo um deles o Tomás, na altura com 10 anos de idade, que tinha a particularidade de ter sido feito “Mecenas” da Fragata com apenas 15 dias de vida.

A familiaridade de todos para com a Fragata era por demais evidente. Na verdade o Almirante, desde sempre, no seu tradicional e belo veleiro, “O Vadio”, herdado já de seu pai e ainda com os seus filhos muito jovens, costumava rumar ao “Mar da Palha” para aí visitar o que restava da bela Fragata, após o incêndio que a tinha quase totalmente devorado naquele fatídico dia 3 de Abril de 1963. Então, “atracando” nos seus destroços e merendando, por ali permaneciam até que fossem horas de regressar a casa.

Os destroços daquele antigo veleiro acabaram por se tornar um lugar mágico para todos eles sobretudo para o mais jovem, o Tiago, pois o Almirante, contando histórias da Fragata e referindo o seu glorioso passado na “Carreira das Índias”, seria tão eloquente e emotivo que aquele, na sua inocência de criança, chegou a pensar ter realmente chegado à Índia.

Muitos anos mais tarde, após terem terminado os trabalhos de restauro da D. Fernando nos estaleiros da Ria Marine, toda a família fez a bordo a viagem de Aveiro para o Alfeite.

A reconstrução deste navio tinha sido um dos Projectos sonhados e levados a bom termo pelo Almirante, talvez o mais querido e mais desejado mas nem por isso o mais fácil de concretizar.

Assim, enquanto percorríamos os diferentes compartimentos do navio, o Almirante ia descrevendo, em pormenor e com visível agrado, a proveniência de cada uma das peças de mobiliário e demais objectos da parte museológica e a forma como os tinha conseguido obter. Muitas das peças, nomeadamente da Sala de Jantar, Sala de Estar e Camarote do Comandante, tinham sido oferecidas por pessoas da sua família ou amigos muito chegados.

Os copos em cristal, as toalhas de linho bordadas, as argolas dos guardanapos e os talheres em prata, os livros antigos da biblioteca, tudo ou quase tudo estava intimamente ligado ao Almirante Andrade e Silva e à sua família.

Eu limitava-me a ouvir com toda a atenção as suas memórias e explicações para não perder, em momento algum, aquelas preciosas referências.

Descendo à Coberta, foi a vez do filho Tiago recordar que as feições de um dos manequins da Sala de Oficiais eram decalcadas das suas e que a figura da única mulher a bordo tinha as feições da sua irmã, a Sofia.

Um dos momentos mais interessantes e curiosos aconteceu pouco depois, quando nos aproximámos da enfermaria e do manequim do “Médico” de bordo, cujas feições sempre me tinham parecido familiares.

O Almirante surpreendeu-me perguntando-me se era possível tirar uma fotografia ao lado daquele manequim. De imediato dei ordens para abrirem a placa de vidro que protege aquele espaço e, como o manequim ostentasse uns óculos redondos, à época,



Ali estava ele, Militar, Marinheiro e cavalheiro como sempre, a responder, apesar do seu mau estar, ao cumprimento de despedida.

Uma hora depois, telefonou-me a agradecer a visita e a dizer-me que não me preocupasse pois, o seu estado de saúde tinha melhorado.

Infelizmente, um mês e meio depois de se ter despedido deste seu “Sonho”, despedia-se também da vida, deixando em todos nós um grande sentimento de perda.

Num calendário de bordo, na parte museológica, passou a figurar uma data, 29 de Maio, para que não nos esqueçamos do dia em que partiu para navegar naquele outro mar distante na viagem que então iniciou...

Sei que encontrará bons ventos e mar de feição porque sempre os mereceu. Até sempre Grande Comandante.

(A família e todos os seus amigos encontrarão decerto consolo na memória que perdura... a de um grande Senhor, com quem tivemos o privilégio e a honra de conviver).

José António de Oliveira Rocha e Abreu

Capitão de Mar e Guerra Fuzileiro

(Comandante da Fragata D. Fernando II e Glória de 2007 a 2013)

perguntei-lhe se não queria também colocar um antigo “Pince-nez” existente num outro compartimento,

O Almirante com toda a sua jovialidade “alinhou” na brincadeira e, usando o velho “Pince-nez”, colocou-se ao lado do manequim, imitando a sua atitude gestual para lhe ser tirada uma fotografia pelo seu filho. Ali, naquele momento ao vê-los lado a lado, foi desvendado um mistério, pois a cara do manequim era exactamente a cara do Almirante. Até ali ele tinha deixado a sua marca, tendo-se sujeitado a uma penosa operação de cópia da sua face para a realização do respectivo molde.

Quando subimos de novo ao convés para terminar a visita, o Almirante abeirou-se do Mastro Grande e, chamando o seu neto Tomás, indicou-lhe uma das placas ali colocadas e disse : “Tomás leia o que está escrito nesta placa” e o Tomás passou a ler pausadamente – “Ao Almirante António Manuel de Andrade e Silva homenagem pelo sonho que tornou realidade nesta fragata restaurada - Abril 1998 – Marinha de Guerra Portuguesa”.

Assistíamos, por assim dizer, a uma passagem de testemunho emocional e afectivo em relação a uma obra que lhe havia sido particularmente cara.

O Almirante ficou de repente imóvel.

Seria apenas a emoção do momento?

Talvez tenha sido, também. O certo é que de seguida confessou que uma vertigem o tinha acometido. A debilidade física causada pelos muitos tratamentos médicos a que se tinha vindo a sujeitar e talvez as emoções vividas naquela manhã, apareciam neste momento a perturbar o final da visita.

No fim da prancha, libertando-se dos braços dos familiares que o amparavam, correspondeu à continência que perfilados lhe fazíamos.





Adelino Couto

Sentir a Marinha nos Açores

Convívios
Julho de 2020

Daniel de Sá, escritor açoriano já falecido, oriundo duma freguesia rural do norte da ilha de São Miguel, escreveu muito e bem sobre os Açores e as suas gentes. No seu livro “Ilha Grande Fechada” narra a peregrinação de João à volta da ilha no cumprimento de uma promessa em jeito de despedida da sua terra antes de emigrar para o Canadá. Grande pensador do sentido de ser ilhéu, fê-lo compreender que “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela”, pensamento curiosamente escrito na parede de uma livraria citadina, como que chamando a atenção dos presentes para os estados de alma desses mesmos ilhéus.

Curiosamente, enfileirando noutra ponta de vista, Onésimo de Almeida, também ele micaelense, professor e escritor há muito radicado nos Estados Unidos e amigo de Daniel de Sá, acrescentou que, se calhar “Sair da ilha é a melhor maneira de ficar nela”. Salvaguardados os diferentes ângulos de opinião, parece ressaltar uma ideia comum, a de que, fora ou dentro dela, a ILHA deixa marcas e memórias indeléveis que, por singulares, “prendem” quem lá está ou por lá passou aos silêncios imaculados que permitem interpretar os seus mistérios e saborear o que de mais genuíno tem aquele espaço mágico, como o chilreio das aves, os picos dos montes matizados de mil verdes e o marulhar salgado do mar.

Tudo isto vem a propósito do facto de termos estado e de certa forma ainda continuarmos a estar “fechados nesta ilha grande”, devido à pandemia que teima em não nos deixar em paz. O “afastamento social” tem sido muito penoso e a “família naval micaelense” vem-se ressentindo disso - e de que forma -, já que as redes sociais, embora ajudando, não aportam o calor do convívio físico e a emotividade da conversa. Mas há sempre um recomeço e uma primeira “ORDOP” do Teixeira da Silva, emanada do Posto de Comando do “Pico do Cavaco”, que não deixava margem para dúvidas sobre aquilo que apelidou de “Retoma Naval do Desconfinamento” e que, seguindo escrupulosamente as normas das Autoridades de Saúde, se vem consolidando gradualmente.

A primeira fase deste “complexo processo” teve lugar a 9 de Julho na bonita freguesia nortenha de São Brás, em forma de convívio gastronómico, tendo como centralidade uma “cataplana de lulas”, como pomposamente a denominou o Francisco Cordovil, encarregado do petisco. **Não éramos muitos, nem todos açorianos, mas todos ilhéus.** Na capacidade de adaptação ao espaço limitado, na adesão voluntária ao isolamento partilhado, na fruição divina da Mãe Natureza e da dádiva das suas entranhas, na contemplação do tecto celeste e do bailado das garças, nos cheiros únicos da terra húmida e da maresia na vazante.

A mesa serviu de mote para este encontro entre “senadores” (a idade média dos presentes ultrapassou os 73 anos) e para um tempo de revisitação de memórias de outrora, gerado em conversas retrospectivas de momentos significativos. A confraternização daquela quinta-feira, como que sinalizava o reinício da tertúlia naval, cuja espera tinha sido longa e penosa, no tempo e



no motivo. Podíamos ter sido mais, mas éramos sete, diria “Sete Magníficos”, recordando o famoso western de 1960 em que um grupo de justiceiros ajudou uma pequena povoação mexicana a repor a paz e a dignidade do seu povo. O “senador mor” João Bernardo Rodrigues (7.º CEORN), os fuzos Teixeira da Silva (13.º CFORN), Adelino Couto (18.º), João Pedro Carreiro (19.º) e Francisco Cordovil (22.º), bem como o António M. Martins (EN 1965-69) e o João Subtil (EN 1966-71), buscando, deste jeito, a reposição da normalidade possível, tiveram fundamentalmente em mente, para além da cavaqueira tertuliana, a dignificação da Marinha no testemunho pessoal dos tempos em que a serviram sem cuidar recompensa.

No decurso do repasto e por se situar ali bem perto, alguém alvitrou uma visita à Lagoa de São Brás que, por estranho que pareça, alguns ainda não lhe tinham pisado as margens. O alvitro foi aceite sem pestanejar, não tolhendo todavia a oportunidade de, como é da praxe, ser tirada a foto de grupo no exterior do restaurante para arquivo e memória futura.

A Lagoa de São Brás localiza-se no centro da ilha, relativamente perto das conhecidas plantações de chá da Gorreana e também por via disto faz parte do roteiro turístico local. Serpenteamos um íngreme caminho por entre vales e pastagens até encontrarmos no fundo de uma descida a lagoa de tons verdes, cercada de denso arvoredado que lhe dá uma beleza rara. Situa-se numa cota de altitude nos 610 metros em relação ao nível do mar, tem 330 metros de comprimento e 200 de largura, com uma profundidade máxima de 2,3 metros.

Foi junto à pequena praia de areias brancas, na presença de simpáticos patos que nos juntamos para falar um pouco desta lagoa e de histórias ali vividas por alguns dos presentes. Circundados por uma panorâmica divinal, num silêncio profundo que a magia e bondade da Natureza nos oferece, a conversa fluiu com o entusiasmo próprio de quem gosta de viver estes momentos e os sabe apreciar.



O relógio do tempo ia rodando à socapa do grupo, quando o João Subtil, diria que de forma inesperada e condizente com o seu apelido, nos convidou para sua casa, uma vez que tinha algo de interessante para oferecer. Porque ninguém vacilou, os motores soaram rumo à Ribeira Grande que em breves minutos foi atingida e num ápice voltávamos à mesa e à conversa.

O nosso anfitrião deu o mote para que fizéssemos um curto périplo acerca dos Comandantes da Zona Marítima dos Açores, particularmente aqueles que mais de perto conviveram com o Núcleo da AORN e cuja passagem por São Miguel deixou marcas de saudade. Vieram à baila diversos nomes, oportunidade para o amigo Subtil abrir uma garrafa da magnífica aguardente oferecida pelo Comodoro Valentim Rodrigues (07.11.2016 a 03.10.2018), a fim de ser saboreada pelo grupo marinho, como era sua vontade e, concomitantemente, dar-lhe testemunho pessoal do que ali se passara, com votos de rápidas melhoras, sabendo-se que o seu estado de saúde inspira alguns cuidados.

Atento o êxito da iniciativa, bem como o gáudio e satisfação que despertou nos presentes, o núcleo duro do BOTÃO DE ÂNCORA, resolveu dar continuidade a estes momentos de convívio que ao redor da mesa celebram a amizade e camaradagem. E, por afirmação espontânea e unânime, ficou logo ali agendado um novo Encontro nas Furnas para o dia 24, ou seja, duas semanas depois.

Atrevo-me a dizer que as Furnas são o lugar mais icónico da ilha de S. Miguel e, por isso mesmo o mais visitado pelos turistas. Desde logo pelo cenário deslumbrante em redor da sua bela lagoa, do qual fazem parte, por entre fumarolas, os conhecidos buracos no chão vulcânico, onde no seu ventre se confecciona lentamente o célebre cozido e outros petiscos. Não há visitante, nacional ou estrangeiro, que se alheie da prova destas iguarias saídas da terra quente que constitui uma das experiências mais marcantes de quem nos procura. Atento o carácter insólito desta vivência única, pode dizer-se que “primeiro estranha-se e depois entranha-se”, usando a frase criativa de Fernando Pessoa à coca-cola que, à época, tanta celeuma causou.

Mas o que dizer das caldeiras em permanente ebulição que brotam jactos de água fervente e das pequenas fontes de águas minerais ferruginosas, que deixam um rasto cor de laranja. E do magnífico parque Terra Nostra, donde sobressai a piscina circular de águas termais também elas de cor férrea. Ali os visitantes podem contemplar a Natureza, no grau máximo da dádiva divina, e parecem suster a respiração que se alimenta da beleza transcendente que os circunda.

Mas foi no Club House do magnífico campo de golfe local, enquadado numa paisagem vulcânica de exuberante vegetação



tropical e um dos mais antigos de Portugal que nos propusemos retomar o convívio. O desafio lançado na convocatória de que “os greens estavam disponíveis para quem quisesse experimentar as delícias da modalidade”, aguçou o apetite do quarteto formado pelo Teixeira da Silva, Adelino Couto e dos “civis” Raúl Resendes e José Mendonça que, numa espécie de aperitivo para o almoço, fizeram com evidente prazer os 18 buracos do campo.

A convocatória apelidava o almoço de “Petisco dos Céus” e, sublinhando que embora fosse surpresa, sempre adiantava tratar-se de um prato gourmet com designação gastronómica de “entrecosto a baixa temperatura”, a cargo do Chef Hermano Teixeira, cuja confecção se inicia com 24 horas de antecedência. De propósito ou não, a redacção encontrada fazia “crescer água na boca”, mormente para aqueles, a maioria, que ainda não conhecia o pitéu.

Contados os 7 magníficos de São Brás, o grupo engrossou para a dúzia com a presença do Prof. F. Costa Matos, dos fuzos Jaime Gamboa e João Góis, para além do Raúl Resendes e José Mendonça, participantes na partida de golfe, que simpaticamente se juntaram a nós. As expectativas gastronómicas não saíram goradas dada a excelência do petisco, com o entrecosto macio e os legumes al dente, tudo bem apresentado e apaladado, pelo que foi solicitada a presença do Chef para lhe testemunhar o nosso apreço pelo trabalho desenvolvido. O ambiente não poderia ser melhor para a criação de um efeito sinérgico entre os presentes, relevando com emoção momentos de antanho, como por exemplo as aulas de judo na Escola de Fuzileiros ministradas pelo Prof. Costa Matos a alguns de nós, entre os quais o autor destas linhas. Açoriano dos quatro costados, vivendo há longos anos em Lisboa, desde que esteja na ilha não falta a um encontro naval, estimulando vivamente a necessidade da sua realização e continuidade.

Para além da confraternização implícita que nos move a falar de nós, estes convívios, pelos comentários e opiniões que geram, servem para projectar a Marinha extra muros, revivenciar os seus valores e padrões institucionais, mas também questionar o seu papel ao longo da História. Olhá-la também numa perspectiva moderna que os tempos que correm reclamam e a sociedade exige. Ter dela uma visão menos castrense e mais civilista, menos dogmática e mais aberta, enfim, mais próxima dos cidadãos e mais apta a servir quem dela precisa. Uma instituição de quem gostamos e por isso apreciamos falar dela amiúde, em tom ameno e coloquial, mas nunca acrítico

Enfim, Sentir a Marinha, neste caso nos Açores.

Adelino Couto
Sóc. Orig. n.º 977



Muitos são os portugueses que, nesta fase de pandemia, se dedicam a ajudar os outros de forma anónima e voluntária, na medida das suas possibilidades.

Também é o caso de militares, militarizados e civis da Marinha. Recentemente chegou-nos ao conhecimento o seguinte elogio, que muito orgulha a Marinha, os Fuzileiros e, naturalmente, o Cabo Fz Sampaio.

“A Junta de Freguesia de Azeitão vem por este meio reconhecer e agradecer ao Sr. César Bruno Sousa Sampaio, cabo Fuzileiro, a prestar serviço na Escola de Fuzileiros, toda a generosidade, dedicação e altruísmo revelados durante a pandemia da COVID-19.

Desde os primeiros momentos, o Sr. César Bruno disponibilizou-se como voluntário para poder ajudar todos aqueles que durante os estados de emergência e de calamidade, deveriam ficar em casa confinados, nomeadamente os idosos e pessoas de risco isoladas. Graças à sua ação, os bens essenciais chegaram a quem deles precisava, sem estes terem de correr o risco de sair do domicílio.

Para além dos bens que entregava, a sua presença carinhosa, educada e afável, era também um motivo reconfortante e tranquilizante para as pessoas apoiadas. A Junta de Freguesia recebeu rasgados elogios sobre a ação, o apoio prestado e o profissionalismo demonstrado pelo Sr. César Bruno.

Junta de Freguesia de Azeitão elogia Fuzileiro



Embora ciente do risco que tal voluntariado poderia acarretar em termos de saúde, para si e para a sua família, o Sr. César Bruno colocou os outros, que nem conhecia, à frente dos seus interesses pessoais, atitude cada vez mais rara nos nossos dias e reveladora de grande nobreza, carácter e altruísmo.

Pelo facto de ser merecedor dos maiores elogios pelo exemplo demonstrado e pelo facto de ser Fuzileiro a prestar serviço na Escola de Fuzileiros, com a sua ação e com o apoio valioso que deu à comunidade onde se insere, o Sr. César Bruno Sousa Sampaio angariou muito prestígio e brilho para a Marinha de Guerra e Forças Armadas a que pertence. A Junta de Freguesia de Azeitão reconhece e agradece a ação prestada de forma tão exemplar.”

Publicado no FB/Marinha Portuguesa em 11JUN20

Vinho “O VETERANO”

A nossa marca

A Associação de Fuzileiros decidiu, recentemente, lançar o desafio à Herdade do MENIR – Montemor-o-Novo, de produzir o vinho do Alentejo (branco e tinto) com a nossa marca intitulada “O VETERANO”, da Gama de Entrada Couteiro-Mor.

Aceite o desafio pelo Sr. Sérgio Pereira, um responsável daquela herdade e atual nosso associado, iniciamos o projeto de elaboração do rótulo da nossa marca, um trabalho entregue à responsabilidade de um grande “designer” e elemento da nossa Direção, o Sr. Afonso Brandão.

Depois dos acertos pontuais, das “provas” a que fomos sujeitos e da aprovação deste rótulo, não restam quaisquer dúvidas que estamos perante uma marca de prestígio que saberemos apreciar em todas as ocasiões, sozinhos ou acompanhados, até mesmo numa tarde solarenga, naquela esplanada virada para o rio Coina.

Nós merecemos!



A Direção



Tomada de Posse do cargo de 2.º Comandante da Escola de Fuzileiros

Comodoro Silva Ribeiro, realizou-se no Museu do Fuzileiros, local pleno de história e simbolismo para todos os Fuzileiros. O Presidente da Direção da Associação de Fuzileiros marcou presença neste evento em representação de todos os associados.

Tendo ocorrido numa altura em que as limitações impostas pela atual situação sanitária não permitem a presença de familiares ou amigos ou de consentir a assistência a um número mais alargado de convidados, a cerimónia revestiu-se ainda assim da adequada solenidade e dignidade.

Nas palavras proferidas após a assunção do cargo, o Comandante Pinto Conde, que no período de janeiro de 2015 a agosto de 2017 exerceu as funções de Comandante

do Batalhão de Instrução e Diretor Técnico-pedagógico da Escola de Fuzileiros, dirigiu-se ao *mais valioso bem disponível na Escola de Fuzileiros: o pessoal*. Com particular relevância aos formadores, mas sem esquecer todos os outros que, fazendo parte da guarnição da EF ou dos diferentes departamentos do CCF e da UMD, contribuem para que a missão da EF seja cumprida diariamente, quer em Vale de Zebro, quer no Ponto de Apoio Naval de Troia.

Salientou ainda que a *competência, dedicação e disponibilidade da generalidade de todos é reconhecida e só assim a Escola de Fuzileiros tem conseguido manter a sua imagem de unidade de excelência*.

Colaboração do CCF/EF

No dia 1 de outubro de 2020 teve lugar na Escola de Fuzileiros a cerimónia de Tomada de Posse do 2.º Comandante da Escola de Fuzileiros, tendo o cargo sido assumido pelo CFR FZ José Eduardo Pinto Conde.

A cerimónia, que foi presidida por S. Ex.ª o Comandante do Corpo de Fuzileiros,

Novo Sócio Institucional



Decorreu na sede da Associação de Fuzileiros, no passado dia 8 de outubro, a formalização do convite e a entrega do Cartão de Sócio Institucional (I 06) ao Comandante da Escola de Fuzileiros, o CMG FZ Joel dos Santos Formiga. Sequencialmente, foi-lhe imposto na lapela o símbolo da AFZ que o identifica como tal.

Este momento simples, mas sempre carregado de simbolismo, contou com a presença do Comandante do Corpo de Fuzileiros – Comodoro Silva Ribeiro, do 2.º Comandante do Corpo de Fuzileiros – CMG FZ Mariano Alves e dos elementos da Direção Nacional da Associação de Fuzileiros.

Recordamos que a qualidade de Sócio Institucional é atribuída à mais alta entidade das instituições militares e civis elencadas e registadas em Ata da Assembleia-Geral e é válida durante o período em que essa entidade exerce esse cargo/função.

*Manuel Leão de Seabra
Presidente da AFZ*

Não comandante, a essa hora não estavam lá 10...



Elísio Carmona

Escoavam-se os últimos dias do mês de Abril. E com eles as angústias e derradeiros ecos dos mísseis da já distante noite de 22 para 23.

Ganturé retomava as suas rotinas diárias sem sobressaltos; a formatura às 8, a rendição dos postos de sentinela e das patrulhas no Cacheu, a volta das limpezas e outras tarefas tornadas pertinentes, imediatas, que se cumpriam até às 10 quando a temperatura ambiente começava a apertar.

Outros trabalhos quase se pode dizer que eram para ir fazendo; o expediente da secretaria, as reparações de botes e motores, a manutenção da carcaça do velho Jipe, sim, Jipe ou meio Jipe, que aquilo funcionava com metade das peças acarinhadas por mãos de mecânicos, mais curiosos que mecânicos propriamente ditos, que conseguiam fazer com que o motor funcionasse e as rodas girassem. Um prodígio!

A Paz ia regressando à aldeia dos lusos, permita-se a comparação com a normal nervosa agitação na aldeia dos gauleses...

Paz que foi quebrada naquela manhã pelas duas sonoras buzina-delas de aviso da aproximação da LDG. Era o sinal esperado pelo pessoal – ia para dizer da malta – que desatou a correr para a ponte cais feita de cibes e tábuas de madeira aplainadas presas aos troncos por cavilhas de bem 20 cm. Cais de acostagem de LDM's, LFP's, LFG's, LDG's, estas últimas menos vezes, mas que abrigavam sempre os botes que se revezavam nas patrulhas diárias no Cacheu.

Contudo a LDG, fazendo jus aos seus préstimos, não se acolheu na Ponte Cais de Ganturé. Manobrou para abicar em um ponto da margem, a montante da dita, ponto que parecia ter sido preparado para o momento. Do seu bojo foram descarregados 105 bidões de gasolina, óleo e gasóleo destinados aos motores de botes e viaturas da Base e desembarcaram os camaradas do DFE 13, razão da tamanha agitação matinal, que havia que matar saudades, acalentar amizades, escutar e contar aventuras desde o último encontro.



Regressou a Paz? Não que, com a chegada do novo DFE, o seu comandante, como oficial mais antigo, passou a desempenhar as funções de comandante da Base. E aquilo que já se cumpria sem custo, todos a trabalhar em harmonia, em família, como devia de ser, passou a ser motivo de arrelias, digamos assim.

A Base, Ganturé, uma cerca circular defensiva de arame farpado com, se tivesse, entre 150 a 200 metros de raio, foi dividida em três zonas de intervenção com tarefas concretizadas; a zona da cantina, atribuída ao DFE 13, a zona do heliporto, por concluir, para o DF 4 e a parte restante dada ao Pelotão de Apoio, na altura, da CF 11, em época de Serviço Externo.

Ninguém percebeu, de entre os oficiais, a razão de tal distribuição. O comandante do Pelotão atreveu-se a questionar.

– *Mas, comandante, as tarefas agendadas diariamente têm sido asseguradas, até à data, sem angústias, pelo pessoal disponível, eles próprios se organizam...*

– Ordens são ordens e, a partir de agora, vai ser assim, cada um cumpre as suas...

O silêncio tomou conta da reunião, que se concluiu com o protocolar “determina mais alguma coisa?”. Mas notava-se na crispação dos rostos o desagrado geral com a nova moda.

Fosse como fosse, o Pelotão de Apoio ficou com a responsabilidade de limpar a vala de escoamento das águas, que se anunciavam pelos castelões nublosos que ao fim da tarde disparavam relâmpagos para todos os lados, ainda longe, diga-se em abono da verdade; pelo parque de Combustíveis, em fase de conclusão – vedação com arame farpado e porta de acesso –, limpezas associadas, pequenos trabalhos na Ponte Cais e os 105 bidões descarregados da LDG para armazenar no dito Parque de Combustíveis.

Todavia, o comandante do Pelotão voltou a insistir junto do Comandante da Base, homem pouco dado a escutas sensatas, isto na sua apreciação pessoal, e não só, tendo como resposta, la-cónica:

– Ordens são ordens, cumpra as suas tarefas e se tiver que tossir tussa depois, como consta do regulamento.

– *Mas, Comandante, isto é Ganturé, no mato, na Guiné, a guerra é com os de lá de fora, não é entre nós, os aqui de dentro...*

Irredutível, senhor do seu nariz de comandante, seguiu o seu caminho sem, sequer, pestanejar.

O Comandante do pelotão, que tinha disponíveis 5, 6, 7 Praças, no máximo, por dia, reuniu o seu pessoal e deu a ordem seguinte:

– Ouçam, temos de empurrar os 105 bidões para dentro do Parque de Combustíveis, nós sozinhos, sem ajudas, digamos que temos de fazer 150 metros, mais ou menos, com cada bidão; bem, cada dia, cada um arruma apenas 1 bidão.



“O Sessenta” atreveu-se a propor:

- *Senhor Tenente, isso não custa nada, arrumamos os bidões todos num instante e pronto.*
- Ouviram, não ouviram? Cada um só empurra, por dia, 1 bidão. Aquele que se atrever a tocar no 2.º bidão leva uma porrada, estarei aqui para acompanhar a tarefa, e a ajudar, também, na sua execução.

Mas então e a Paz na Aldeia dos Lusos, dita Ganturé, perdida nas margens do Cacheu, na fronteira com o Sambuíá?

Bem, a Paz perdida com a chegada do DFE 13 perdeu-se e pronto. Os oficiais, mal habituados, passaram ao modo de surdina, visivelmente incomodados, é claro.

As tarefas, essas, iam-se cumprindo ao ritmo estipulado, sem grandes questionamentos. Até ao dia em que, tendo-se concluído a vedação de arame farpado do Parque de Combustíveis e sobrando tempo para o esgotamento do horário previsto, passando na sua vistoria pessoal, o Comandante de Base, na ronda que cumpria rigorosamente cada dia, tropeçou com 9 praças do Pelotão acompanhados do seu comandante, à entrada do parque, a conversar sobre o tipo da porta de entrada.

Parou, saudado como devia de ser por todos, e naquele seu ar malandrecado, cabeça descaída para a direita, pé direito a bater nervosamente no chão deixou entreabrir os lábios num sorriso, na altura, indecifrável e seguiu caminho.

Foi então que a meio do almoço, sentados de um lado os oficiais do DFE 4, o seu comandante, o imediato e o 3.º oficial, do outro lado os restantes oficiais do DFE 13; imediato, 3.º e 4.º oficiais e no outro topo o oficial comandante do Pelotão, o comandante da Base, quebrando o silêncio, com ar a dar para o gozão, naquele sorriso de meio da manhã, o tal de malandrecado, anunciou:



- Ah, quero contar-vos uma novidade: hoje, pelas 10, dei com 10 papalvos sentados à entrada do Parque de Combustíveis a discutir se a porta devia de rodar ou de bascular, ahahah...

O silêncio, ainda mais pesado, foi quebrado com uma rajada inesperada do outro topo da mesa, disparada pelo comandante do pelotão:

- *Não comandante, a essa hora não estavam lá 10 papalvos*
- Não, então estavam lá quantos?
- *A essa hora estavam lá 11.*

Todos se levantaram como que pontapeados por uma mola deixando perceber que iam numa de rebentar de riso. Todos, menos, é claro, os dois protagonistas, a rebentar de fúria; o comandante da Base, crispado, verde, amarelo, azul, de todas as cores conhecidas e das outras e, em silêncio, o comandante o pelotão, à espera.

- Sr. Tenente, sr. Tenente, eu mando-o detido para Bissau...
- *Comandante, se há-de ser amanhã que seja já hoje...*

Levantou-se, também, porventura furioso, a espumar castigos que rebentaram dias depois, em conversa já mais amena com um:

- Você é um gajo fo...

*Marinheiro E**

*O Marinheiro “E”, de todos já conhecido, é o Sócio Originário n.º 538, Oficial FZ RN que integrou os efectivos da CF 11 e que cumpriu uma comissão de serviço na Guiné nos anos 1971/1972.



Estórias de uma História Vivida

1974



Em Cabinda decorria aparentemente calmo o ano de 1974! O enclave de Cabinda vivia a incerteza de uma metamorfose política onde tudo era boato e as notícias vindas de Lisboa eram filtradas.

Um grupo de Fuzileiros que tinha por missão manter a segurança do “Pipeline” petrolífero da Cabinda Gulf, continuava patrulhando no mar, numa quase rotina diária, abstendo-se de comentários ou mudanças na missão de que estavam incumbidos: navegar na zona, vigiando e sofrendo nas duras patrulhas em botes zebro III que saltavam na calema de vagas intermitentes, que nesta região se fazem sentir fortemente, provocando nos corpos destes abnegados homens, marcas de dor e cansaço que os deixavam extenuados após seis horas a navegar.

Junho de 1974, a patrulha voltava e, ao chegar ao cais, apercebe-se de um movimento muito estranho e invulgar...

Nas imediações do cais o Chefe do Grupo esperava-os e rapidamente os transporta para a Capitania onde eram normalmente alojados, numa casota “palácio” que construíram nas horas de folga.

Reunindo com as três equipas, explicou-lhes que a FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) tinha invadido Cabinda, acompanhada de militares oriundos da Província.

Cabinda (Angola)



Que tinham entrado no quartel do Exército prendendo os oficiais e, informados que o Governador se encontrava em reunião com os oficiais superiores e autoridades civis, entram de rompante no local, tinham prendido todos os que ali estavam reunidos.

Cabinda estava sob o domínio da FLEC e do grupo de militares que os tinham transportado da mata do Maiombe para a Cidade.

Tentaram persuadir os Fuzileiros a aderir a esse movimento, todavia o cabo FZE que dirigia o grupo não aceitou, informando que qualquer tentativa de evasão da Capitania do Porto, provocaria a reação dos seus homens, os quais não participariam em sublevações.



O Alferes que teve a missão de vir à Capitania, aceitou a condição se não interviéssemos nas suas atividades...

Sem Comando para tomar decisões, resolve o Cabo FZE não patrulhar no mar e colocar os homens em posição estratégica para não permitir a entrada na Capitania a estranhos à Marinha.

Manda preparar dois Zebros com um bidon de duzentos litros de gasolina em cada um, prontos a sair para o mar em caso de força maior...

Sabota toda a reserva de combustível adicionando o dobro de óleo na mistura para

não poder ser utilizada pelos “sublevados” nas viaturas que traziam (mais tarde verificou-se que foi uma boa estratégia pois vieram pedir gasolina e explicou-se que esta estava preparada para motores a dois tempos. O que os levou a desistir de levarem o combustível).

Viviam-se horas de grande tensão, procura-se no rádio “Racal” que a Cabinda Gulf nos atribuiu, e que, em frequência diferente, captava Luanda. Difundiram-se então mensagens não encriptadas e o Comando Naval soube assim da situação...

Passaram-se 24 horas e a incerteza pairava. O navio disponível, uma Lancha de Fiscalização, estava no mar. O estado de sítio, não declarado, sentia-se numa calma aparente.

Os Fuzileiros permaneciam em volta da Capitania, não permitindo a entrada dos invasores.

Utilizando uma artimanha o Cabo FZE, vestindo então um camuflado do Exército do vizinho furriel que o tinha no estendal a secar junto de casa, mete algumas granadas nos bolsos e de G3 às costas, dirige-se ao edifício onde estavam presos o Governador, o Comandante da Capitania e outros oficiais. Solicitou rações de combate para ir distribuir aos “fascistas” presos (as nossas eram diferentes e seria detectado o embuste). Um cabo do Exército deu-lhe quatro rações de combate e subindo as escadas barafustava apostrofando de “passarinhos” os prisioneiros aos quais disse, falando rápido, para que o FLEC, postado á porta da sala com um RPG7, não entendesse o que dizia.

O Comandante e Governador (Comandante Rosa e Brigadeiro Themudo Barata) escutavam atónitos o vocabulário do “atrevido” que a eles se dirigia, informando que dois botes os esperavam para poderem chegar a Luanda.

Após diversão de ataque ao edifício com Bazooka e rajadas de MG42, o Comandante Rosa, numa calma ímpar e com seu inseparável cachimbo, disse: “Aguarda até amanhã. Os revoltosos estão em comunicação com Luanda e as coisas vão resolver-se, todavia mantenha-se alerta”.



Saiu o Cabo FZE das instalações sem que se apercebessem que era um Fuzileiro disfarçado com um camuflado do exército. Mudou de camuflado e explicou aos seus homens a situação, tendo estes acatado sem hesitar a estratégia antes preparada ficando prontos a agir em caso de ataque ao local onde estavam quase sitiados.

O tempo era longo. Na manhã seguinte, extenuadas por pouco terem dormido, os Fuzileiros receberam a visita de um Alferes, cabeça dos “revolucionários”, que convidava o chefe do grupo a ir ao aeroporto receber os oficiais vindos de Luanda, entre os quais Pezarat Correia. Avisou para que não parasse junto do aeroclube porque “o chefe dos Fuzileiros era brevetado e podia ter a tentação de sair com uma das aeronaves ali estacionada”, disse-o rindo, mas via-se no seu rosto que não brincava.

Dirigiu-se então o Cabo FZE ao aeroporto acompanhado de dois dos seus homens e, meia hora volvida, um avião da FAP pilotado por um Tenente Coronel, que fazia parte da Junta de Salvação Nacional, acompanhado de Pezarat Correia, oficial do Exército, desembarcam e após conversação com os “revolucionários” e FLECS, os prisioneiros foram libertados, tendo o comandante



voltado ao seu Posto de Comando e ficado acordados os patrulhamentos à cidade com equipas mistas do Exército e da Marinha.

Ao saber do acordo o Cabo Fuzileiro, dirigiu-se ao seu chefe direto, Comandante Rosa, explicando que “tendo já um cunhado amputado de uma perna e um irmão estilhaçado por uma mina, não estaria de acordo em “passar” na viatura que tinha atribuída, indivíduos que antes disparavam contra as nossas tropas, tendo ele mesmo durante as três comissões anteriores sentido o belicismo dos que combatia”.

O Comandante Rosa, calmamente, disse-lhe que poderia sair com os seus homens seguindo a outra viatura do Exército, mas que na sua viatura iriam apenas Fuzileiros.

Esta é uma descrição sintetizada, do que foi a revolta dos FLECS em Cabinda, após a revolução de Abril em Portugal.

Francisco Gonçalves Grácio
Cabo FZE

poesia



Como outrora cruzámos os mares e lutamos em terras sem fim.... Hoje continuamos unidos por uma causa maior!



A Capulana da Minha Mãe

Autor desconhecido – Moçambique

Tu nunca a viste sem a capulana,
Porque a capulana é parte dela

A capulana de minha mãe é minha também
Quando eu era pequenina foi o meu berço de menina
Nas costas da minha mãe

É dom de toda a família, é transporte de mobília;
Chibante e manta de pobre, enfeite em casa de rico.

A capulana de minha mãe
Serve de faixa e de saia, serve de graça a qualquer.
Aceita ser emprestada a qualquer outra mulher.
Pode servir de tapete, ser pisada e ser joguete
Sem se queixar a ninguém.

É querida se estás doente, nas festas é um presente.
Faz de toalha de mesa, faz de toalha de rosto,
Faz de toalha de altar...

Na morte é nossa mortalha
A capulana da minha mãe.

Tudo cabe dentro dela, tudo nela se agasalha
Qual coração generoso que jamais se recusou.

Quem a levou algum dia? Quem dela se recordou?

A capulana da minha mãe é como o seu coração:
Nasceu para dizer sim! Da vida fez oração!

A capulana da minha mãe
É para mim uma lição

<https://www.conexaoalufona.org>

<http://preta.tremetreme.pt/>

Delegação de Fuzileiros do Algarve (DFZA)

Os membros da DFZA, respeitando sempre as regras impostas pela DGS relativamente aos cuidados a ter com a propagação da COVID 19, estiveram envolvidos em várias atividades que seguidamente se descrevem. A vida não pode parar e as pessoas e organizações contam connosco.

Operação SPARK II - Desembarque na Ilha da Armona



Nas ilhas algarvias da Armona, Culatra e dos Hangares no dia 6 de Junho, um grupo de elementos da DFZA levou a cabo a Operação *Spark II* nestas águas cristalinas da Ria Formosa.

A operação foi batizada com o nome *SPARK* em homenagem à 1.ª operação desta série em que o motor “Mercury de 1964” se negou a arrancar, porque a vela não fazia “fáisca”...

Nesta segunda edição e com a experiência adquirida, a equipa de bote com sete elementos iniciou a sua deslocação para um reconhecimento na ilha da Armona onde foi efetuado “o aquecimento”.

Seguiu-se a progressão pelos canais da Ria, aproveitando para fazer alguns testes à mota de água de apoio.

Seguiu-se depois para o almoço na Ilha da Culatra e, como não há duas sem três, a equipa seguiu depois para as instalações navais na ilha dos Hangares, onde foi desencadeada uma requintada operação de reabastecimento que durou durante o resto da tarde.

O regresso a terra aconteceu já depois do arrear da bandeira porque o Bote vinha muito mais pesado e a “lutar contra a maré”.



Apoio ao Campeonato Nacional de Windsurf

Os elementos da DFZ foram envolvidos na gestão das regatas coordenando, em conjunto com a comissão de regatas da Federação Portuguesa de Vela, as largadas, as chegadas, a montagem de percursos e em operações de socorro aos velejadores.



Em Sagres de 30 de Julho a 2 de Agosto, a DFZA prestou apoio no mar e em terra à organização do Campeonato Nacional de Windsurf com a presença de três elementos e uma embarcação.

A prova contou com a participação de quarenta e cinco atletas, oriundos de sete nacionalidades, que durante quatro dias participaram em 72 regatas com condições de vento forte, típico desta zona do país.

Receção da Visita do Núcleo de Fuzileiros Motociclistas à DFZA e Visita de Camaradagem ao CAB FZ Perez

Em Faro e Quelfes no dia 4 de julho organizou-se uma singela receção aos camaradas ao Núcleo de Fuzileiros Motociclistas (NFZM) por ocasião da sua deslocação ao Algarve com o intuito de confraternizar com os camaradas do Algarve e deixar um sentido abraço de apoio e amizade ao nosso camarada Perez.

Esta iniciativa foi organizada pelo Paulo Reis tendo-nos o Comando da Zona Marítima do Sul presenteado, também, com uma visita privada ao Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão na Capitania de Faro.

O grupo de dezoito elementos avançou depois para o almoço no “bunker da DFZA” em Quelfes onde, depois de proferidas algumas declarações, foram entregues os “panos” aos novos membros do NFZM desta região.



Operação SPARK II

- Ovos estrelados - Desembarque na Ilha dos Hangares



Na sequência dos sucessos das primeiras edições, quis o comando de operações da DFZA consolidar o objetivo...

Assim, no dia 24 de agosto, aproveitando as ótimas condições meteorológicas, avançou-se para esta missão que envolveu duas equipas de bote com 12 elementos.

Após os preparativos iniciais, as equipas seguiram em formação até à Ilha da Armona onde foram reforçadas com mais 2 elementos.

A paragem foi aproveitada para reabastecimento e atualização do ORDMOVE.

As 2 embarcações seguiram então para a segunda etapa da missão, aproveitando a baixa mar para uma visita histórica à Fortaleza de S. Lourenço, afundada em plena Ria Formosa. Esta Fortaleza foi projetada

em 1644 em plena Guerra Peninsular entre portugueses e espanhóis e construída sobre ruínas de outra fortaleza do tempo de D. João III.

Tinha por missão defender a Barra contra eventuais incursões marítimas quer dos espanhóis quer dos piratas muçulmanos.

Na terceira etapa, atravessando uma centena de veleiros fundeados junto às ilhas até à ilha dos Hangares, seguiram para um almoço bem merecido que teve como ponto alto a estranha sobremesa “ovos estrelados”!

Durante toda a missão, os camaradas de várias gerações (escolas de 1964 a 2004) foram trocando histórias e memórias numa paisagem paradisíaca, recarregando as baterias para mais 10 anos de vida.

*Paulo Domingues
Presidente da DFZA*

Sócio da AFZ

**Participa, colabora e mantém
as tuas quotas em dia.**

NIB

0035 0676 0000 8115 8306 9

IBAN

PT50 0035 0676 0000 8115 8306 9

Delegação de Fuzileiros da Beira Alta (DFZBA)

Segada e Malhada do Centeio à Moda Antiga

Evento promovido pelo Vice-Presidente da DFZBA

O Ilídio Bonifácio Magueja, actual Vice-Presidente da Delegação da Beira Alta com sede em Viseu, é um homem que, tendo passado pelos Fuzileiros ainda muito jovem, integrou a Companhia de Fuzileiros n.º 8, Guiné 1971-73.

Saiu da Marinha e singrou na vida sem nunca esquecer a Marinha e a sua terra natal, a aldeia de Relva, freguesia de Monteiras, concelho de Castro Daire. Na sua terra natal tem desenvolvido inúmeros projetos de grande importância local e regional e de que é exemplo maior, o Museu Etnográfico que construiu e cuja visita se recomenda vivamente.

Este ano entendeu semear centeio para que a sua terra pudesse relembrar tempos

passados nas segadas e malhadas deste cereal tão importante para a sobrevivência das gentes serranas.

Convidou para o evento membros/sócios da Associação de Fuzileiros (AFZ) e das suas Delegações.

A Direcção Nacional da AFZ esteve representada por um dos seus Vice-Presidentes que, inclusive, participou nas atividades e, também, pelo Presidente da Delegação do Douro Litoral que deu forte apoio moral, muito importante em dia de tão grande azáfama e calor.

Para que fique registo para a posteridade aqui fica o relato escrito pelo Ilídio Magueja.

Obrigado Ilídio!



Segada e Malhada à Moda Antiga

Uma festa das gentes e para as gentes da minha terra

Estamos em pleno Verão, altura da segada do centeio, sendo este o primeiro cereal a ser colhido para encher as caixas onde é armazenado para durante o outono e inverno ser o garante do pão para a alimentação das pessoas, assim como o milho e as batatas e o feijão.

Todos estes bens alimentares, alguns dos depois de transformados em farinha e posteriormente em pão, outros depois de cozinhados, servem de alimentação às populações desta região.

O centeio que agora estamos a segar foi semeado por volta do mês de setembro, mas antes já houve outras atividades para que possamos ter esta qualidade de grão tão bem constituído, durante a primavera e parte do verão, fomos cortando mato carquejas, sargaços, queirós e até algumas ramas de giesta para





estrumar as lojas das vacas, ovelhas, cabras e porcos para agora temos estrume que serve como fertilizante para uma melhor produção.

Os dias são grandes, o trabalho é de sol a sol, ou seja, começa-se ao nascer do sol e acaba-se muito para além de o sol se pôr.

Esta atividade agrícola é a que mais gente envolve e a mais animada com muita diversão.

Começa-se a fazer a roga das pessoas no fim de junho para que os lavradores possam escolher os melhores dias e o maior número de pessoas.

Esta tradição manteve-se durante muitos anos, com poucas alterações, um trabalho que também é uma festa no final da segada, cantava-se a desgarrada e sempre com um pezinho de dança, as refeições

eram de melhor qualidade e variedade, finda a segada enrolheiravam-se os molhos do centeio alguns dias enquanto se cortava o feno, e só depois do feno arrumado nos palheiros é que se fazia a carreta até a fraga onde se erguia a meda, toda esta área era preenchida todos os moradores erguiam a sua meda, depois era malhado o centeio uma de cada vez, primeiro as da frente depois as outras.

Cada malhada envolvia quase todas as pessoas da aldeia havia uma entre ajuda e colaboração de todos, uns malhavam, outros colhiam a palha nos palheiros por cima do feno, outros transportavam o cereal para as caixas, outros separavam o colmo, outros tiravam os molhos do centeio da meda, outros até escolmavam se não fossem precisos nas outras atividades referidas.

Ilídio Bonifácio Magueja
Vice-Presidente da DFZBA



UMA ASSOCIAÇÃO VIVA E PARTICIPADA

Sócio da AFZ,

As reuniões da Direcção são normalmente abertas aos sócios bastando, para o efeito, comunicar com o Secretariado.

A Direcção agradece todos os contributos que os sócios lhe queiram dirigir, sempre no sentido de melhorar o funcionamento da Instituição.

A Direcção da AFZ







Rua dos Depósitos da Água, 339 - 1.º
2750-561 Cascais
Tel: +351 21 486 4755
E-mail: office@stgeorgesschool.pt
Web page: www.stgeorgesschool.pt

Delegação de Fuzileiros do Douro Litoral (DFZDL)

Em confinamento

No passado dia 10 de setembro estivemos na nossa Sede para matar saudades pois, devido a esta pandemia, não nos tem sido possível realizar qualquer tipo de evento com muita pena nossa.

Resolvemos então dar um ar de graça às Instalações pois, como se pode ver, o mural de honra está a ficar cheio de crestas que nos são oferecidas pelos nossos convidados e careciam de melhor arrumação.

Aproveitamos também para dar uma arrumação e limpeza aos nossos manequins/militares que estão de prontidão e guardam a nossa casa. Foi uma limpeza um pouco mais aprofundada que o habitual.

Mas foi muito gratificante e reconfortante regressar à nossa humilde, mas sempre nobre casa, matar saudades das atividades que sempre decorreram com o que entendíamos como normalidade e, em suma, recordar momentos inesquecíveis que já foram ali vividos e certamente voltarão.

Quando se puderem realizar eventos estamos a pensar realizar um almoço gratuito para os nossos sócios para os reconfortar e animar pois esta pandemia mexeu com todos nós. Temos telefonado para muitos deles a demonstrar o nosso apoio para o que for necessário.

Deixo um abraço e desejo que esta pandemia se ultrapasse rapidamente para voltarmos à ribalta dos nossos encontros.

Quero deixar um agradecimento a toda a Direção pelo excelente trabalho de associativismo que demonstrou no início do

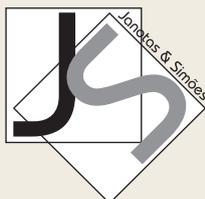


confinamento. Estão todos de parabéns, a nossa Associação está de parabéns.

A todos envio os meus cordiais cumprimentos.

Henrique Mendes

Presidente da DFZDL



Janotas & Simões, Lda.
Mármore

17.000 metros área total - 6.500 área coberta

Estrada de Cortegaça • Lote 158 • Fação • 2715-020 Pero Pinheiro • PORTUGAL • Telef.: 21 927 99 08 • 21 967 12 29 • Fax: 21 927 01 62
email: domingosjanota23@hotmail.com • ruijanota@mail.telepac.pt • internet: www.janotas.com



Núcleo de Fuzileiros Vale do Sousa (NFZVS)



A Associação de Fuzileiros conta, a partir do dia 13 de Fevereiro de 2020, com mais um Núcleo, o Núcleo de Fuzileiros do Vale do Sousa (NFZVS), associado à Delegação do Douro Litoral.

Foi precisamente na reunião da Direcção da AFZ de 13 de Fevereiro de 2020, que foi votada e aprovada a proposta de constituição deste Núcleo passando esta data a ser considerada como a data da sua criação.

Entretanto foi também aprovado o modelo de Estandarte/Guião a ser usado por este novo Núcleo o NFZVS e cuja imagem aqui figura.

O Núcleo nasceu em Friande, Concelho de Felgueiras, por iniciativa e persistência dos sócios nº 973 António Teixeira Pinto e do sócio nº 1198 Joaquim de Sousa Pimenta.



Assim a Direcção do Núcleo de Fuzileiros terá a seguinte constituição:

- Presidente:** Sócio n.º 973
António Teixeira Pinto
- Vice-Presidente/Tesoureiro:**
Sócio n.º 1198
Joaquim de Sousa Pimenta
- Secretário:** Sócio n.º 1290
Marco Paulo Pinto Durães
- Vogais:** Sócio n.º 354
António José Bessa Carvalho
Sócio n.º 823
José Augusto Cunha e Sousa
António Teixeira Pinto

Delegação de Fuzileiros de Juromenha/Elvas (DFZJE)

Ação de limpeza margens Alqueva



A Direcção da Delegação de Fuzileiros Juromenha/Elvas, juntando-se às iniciativas da Câmara Municipal do Alandroal, efectuou uma ação de limpeza de lixo das margens da albufeira do Alqueva junto à fortaleza de Juromenha.



Durante toda a manhã os elementos da DFZJE, juntamente com o camarada Saial e o camarada Comando Canelhas, efectuaram a limpeza da zona envolvente onde encontraram os mais variados objectos estranhos, desde pneus de automóvel, guarda sóis,



etc, bem como o habitual lixo, impropriamente deixado por quem usufrui deste nosso paraíso e que insiste em não ter os devidos cuidados de limpeza.

A ação de limpeza foi dificultada, mesmo para nós, pela cota muito baixa do nível da água que produz longas zonas de barro. Outra consequência do baixo nível de água é a morte de centenas de peixes devido à má oxigenação da mesma e da alta concentração de toxinas derivadas da agricultura intensiva existente nas margens da albufeira.

No final da manhã, recolhido o lixo e transportado em carrinha da C.M. Alandroal, terminamos esta ação de limpeza com um almoço na sede da Delegação onde aproveitamos para realizar uma reunião de direção e colocar assuntos em dia, nomeadamente o impacto da pandemia Covid-19 na realização futura dos nossos eventos durante o final do ano 2020 e no ano de 2021.

Finalizado o almoço continuou o convívio durante a tarde agora amenizado pelo amigo António Serra “ Serrinha” e seu acordeão.

Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima (DFZPM)



Esta situação irá manter-se até porque o Governo estendeu, por mais um ano, até janeiro de 2021, a missão da Polícia Marítima na Grécia, ao serviço da agência europeia de fronteiras, FRONTEX.

Nesta missão a Polícia Marítima tem contribuído com fez um trabalho extraordinário na Grécia salvando a vida de centenas, quiçá milhares, que retirou do mar.

Permanecem na Ilha de Lesbos onde chegam milhares de refugiados, sírios afegãos e de outros países.

Face à missão e a este empenhamento difícil se torna promover outro tipo de eventos, mas chegam notícias de um excelente desempenho e isso é que conta.

Boa missão!

Os Fuzileiros que integram a Delegação de Fuzileiros da Polícia Marítima continuam, por força da sua missão, espalhados por Portugal Continental e Ilhas e também envolvidos, com um contingente significativo, em missões internacionais.

101.º Aniversário da Polícia Marítima

No passado dia 13 de setembro de 2020, a Polícia Marítima celebrou o seu centésimo primeiro aniversário, data esta, carregada de história.

Este ano de 2020, trouxe-nos uma nova realidade motivada pela situação de pandemia em que o planeta atualmente convive, assim, o Dia da Polícia Marítima foi celebrado via digital, através da página da AMN e na rede social Facebook, servindo de plataformas para a sua comemoração.

Esta data, foi ilustrada com a mensagem do Comandante Geral da Polícia

Marítima, Vice-Almirante Luís Carlos de Sousa Pereira, tal como diversos vídeos e imagens, com o objetivo de dar a conhecer as diversas missões desempenhadas diariamente pela PM. Dos muitos vídeos apresentados, realçam-se os vídeos exclusivos das equipas operacionais destacadas nas missões internacionais em cooperação com agência europeia Frontex, bem como, as diferentes atividades da competência da PM.

“No Mar, Mais Além, Por Bem”!

Bruno Talhadas



Rua Fernão Lopes 1, 2800-171 Almada
Tel: 210862418 – Tem: 968050054
E-mail: almada@mercadodasviagens.pt

Núcleo de Fuzileiros Motociclistas (NFZM)

Apesar da fase difícil que atravessamos o Núcleo de Motociclistas Fuzileiros, respeitando sempre as regras de distanciamento social em vigor, esteve presente em diversos eventos de natureza social.

No dia 4 julho e com o objetivo de lembrar o Dia do Fuzileiro 2020, cujas comemorações oficiais tiveram de ser canceladas, o NFZM deslocou-se ao Algarve.



Aí fomos recebidos pelo Presidente da DFZA e por um grupo de elementos daquela Delegação.

Foi um privilégio poder visitar o Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão na Capitania de Faro.



Mas o objetivo maior foi estar com o camarada Paulo Perez que se encontra numa batalha difícil da sua vida, dando-lhe o apoio moral de que muito precisa e manifestar-lhe disponibilidade para ajudar sempre que necessário.

Houve ainda oportunidade para em 11 de julho os Motociclistas Fuzileiros irem até Salvaterra onde o sócio da AFZ pertencente ao NFZM Francisco Prazeres, inaugurou um novo espaço na Quinta da Barragem.



A 9 de julho o vice-Presidente do NFZM, em cerimónia própria, procedeu à entrega do PIN da Marinha à Margarida Vieira Costa do NFZM.



Em 27 de julho o NFZM meteu-se à estrada e zarpou para uma visita ao grupo Motard de Montargil. Com os cuidados necessários tudo decorreu com a normalidade possível.



No dia 1 de agosto o NFZM esteve presente, a convite da organização, num evento Vintage no "20age Café Restaurant", uma gentileza da Margarida Louro Produções e com animação da PIN UP DOLLS Portugal e Ricky Alves (Circo Dallas).

O apoio foi das empresas: Infinity Beauty Studio by Filipa, Chic Garage e Jaime Trindade.



No dia 15 de setembro o NFZM esteve na praia de Albarquel dando motivação extra aos futuros Fuzileiros que ali estavam a iniciar a sua Marcha Final do curso e que viria a terminar muitas horas depois na Escola de Fuzileiros.

Carlos Correia



Rádio “Filhos da Escola” (RFE)

Almoço entre Mergulhadores na Associação de Fuzileiros

No passado dia 12 de agosto de 2020 fez 50 anos que a secção n.º 1 de Mergulhadores Sapadores composta por seis elementos, na altura e a saber: 2.º Tenente Amaro Coelho da Fonseca, 1.º Sarg/UN Fernando Sequeira Nunes, (falecido), Cabo/US António Carvalho Bernardino, (falecido), Cabo/US Joaquim Barata Marques, Cabo/US Francisco Paulino Tiago e Cabo/FZE/US Afonso Meneses dos Santos Brandão que partiu a bordo do NRP S. Gabriel para cumprir uma comissão de serviço na Guiné Bissau (1970 – 1972).

Como vem sendo hábito ao longo dos anos, tem-se realizado o tradicional almoço de confraternização. Este ano, e pela primeira vez, foi no agradável espaço da Associação de Fuzileiros onde fomos bem recebidos e bem servidos. O nosso obrigado à gerência do espaço.

Foi feito um brinde especial alusivo à ocasião, sendo prestada a devida homenagem aos camaradas já falecidos.

Afonso Brandão



Foto da placa comemorativa



Segue lista, onde podemos ser contactados e/ou escutados:

Web site:
<http://radiofilhosdaescola.webnode.com/>
<http://176.9.43.216:2199/start/radiofilhosdaescola/>

Skype:
 RadioFEscola2014

E-mail:
rfilhosdaescola@gmail.com

Facebook:
<https://www.facebook.com/groups/660773867320973/>

Afonso Brandão
 Administração, Coordenação de Imagem e Marketing. Tel.: 918 855 741

Rádio Filhos da Escola

UMA WEB RÁDIO DA FAMÍLIA NAVAL
 A EMITIR PARA OS CINCO CONTINENTES.

Sítio
<http://radiofilhosdaescola.webnode.com/>
<http://176.9.43.216:2199/start/radiofilhosdaescola/>

Skype
 RadioFEscola2014

Facebook
<https://www.facebook.com/groups/660773867320973/>

E-mail:
rfilhosdaescola@gmail.com

Companhia de Fuzileiros N.º 10

Moçambique 1971/73

Mais uma vez a Companhia de Fuzileiros N.º 10, Moçambique 1971/73, se reuniu para confraternizar como é de praxe e vem sendo cumprido desde 1975.

Este ano comemorou-se o 46.º aniversário, mas, desta vez e com bastante mágoa do organizador, teve de ser apenas com um grupo reduzido devido à pandemia COVID-19.

Tudo decorreu como o esperado revendo-se os camaradas que há 49 anos partiam para Moçambique onde cumpriram a missão de que foram incumbidos.

Recomenda-se aos presentes e ausentes que estejam atentos para que no próximo ano, em maio, estejamos nós e os nossos familiares neste, para nós, muito especial evento.



Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 1

Angola 1961/63

Caros Fuzileiros pertencentes ao Destacamento de Fuzileiros Especiais N.º 1 – Angola 1961/1963:

Acho que está na altura de deixarmos escrito nas páginas da história da nossa Marinha e de Portugal, o registo do nosso passado, que todos nós devemos honrar.

Interessa deixar às vindouras gerações de Fuzileiros, o nosso legado, ou seja, o relato da nossa ação em combate na guerra de guerrilha em que tivemos de participar, em Angola de 1961-1963. Parece que foi ontem!

Para o efeito pretendo, em nome de todos os elementos do DFE1, compilar uma obra (que já iniciei) para a qual se torna imperioso o contributo de todos, disponibilizando-me todo o tipo de registos dos acontecimentos em que tenham participado, desde o Curso de Fuzileiros até ao final da comissão do nosso Destacamento.



Deixo alguns exemplos de eventuais contributos:

- Fotografias do curso: Pistas de Combate, Pistas de Lodo e Camuflagem;
- Embarques e desembarques a partir de Lanchas de Desembarque, entre outros;
- Cerimónia de Imposição de Boínas, participação em desfiles militares;
- Marchas, exercícios na Arrábida, prova de sobrevivência;
- Embarque para Angola e chegada a Luanda;

- Exercícios realizados na costa marítima até Moçâmedes, a partir de navios de guerra portugueses;
- Chegada a St.º António do Zaire, estadia;
- Passagem pelos postos de vigilância Quissanga, Pedra do Feitiço, Puelo, Macala e Tridente;
- Operações de Combate em S. Salvador do Congo, nos Dembos, entre outras;
- Tudo o que tiveres e que possa ser relatado/mostrado na obra em curso.

Para este efeito, peço que me contactem através dos seguintes meios:

Email: cte.lopeshenriques@gmail.com

Telemóvel: 965 683 729



Jantar de confraternização do Curso de Sargentos Chefes

CFO09 - 3.ª Edição de 2020



Nota:

A Associação de Fuzileiros apreciou a presença deste Curso de Sargentos Chefes no seu espaço de restauração; extremamente agradável, tem sido opção também para muitos convívios de antigas Unidade de Fuzileiros que assim revivem momentos passados em ambiente marinho.

O Concessionário do espaço tudo faz para cumprir as normas que vêm sendo definidas pela Direção Geral de Saúde proporcionando o melhor ambiente possível nesta época de confinamento em que o distanciamento social é um imperativo que tem de ser cumprido.

Incentivam-se assim, outros grupos (Cursos, Unidades, etc.) a organizarem aqui os seus eventos comemorativos em ambiente familiar e seguro.

Luís Gonçalves

A Direcção

Terminados os módulos de Liderança e Organização/Gestão do Curso de Sargentos Chefes, CFO09 3.ª Edição de 2020, ministrados na Escola de Fuzileiros, no Batalhão de Instrução, os futuros Sargentos Chefes, entenderam os participantes marcar um jantar de confraternização.

É assim com elevada justiça e muito gosto, que viemos agradecer a toda a equipa do Restaurante da Associação de Fuzileiros, nomeadamente na pessoa do Sr. Bruno, toda atenção que nos dedicaram, certos de voltar o quanto antes.

A escolha recaiu no restaurante da Associação de Fuzileiros, situado no Barreiro, recomendado por ter um serviço de qualidade, por ter um espaço amplo com vista para o rio e com uma decoração temática alusiva aos fuzileiros.

Os convivas compareceram em força, respondendo assim positivamente ao desafio lançado pelo mais antigo, o SAJ Lira e pelo organizador do jantar, o SAJ Gonçalves.

O ambiente excedeu as expectativas, com um belo repasto que levou a uma elevada satisfação geral.

- Boínas
- Calçado
- Insígnias e Patches
- Vestuário
- Calçado
- Bagagem
- Equipamento e acessórios diversos
- Acessórios de acampamento
- Entre outros

Visite-nos:

Loja - Escola de Fuzileiros do Barreiro
www.trincheiramilitar.com
+351.925.831.535

LOJA DO FUZILEIRO



Unidade do Corpo de Cadetes do Mar Fuzileiros

Por motivos da atual pandemia, causada pela Covid-19, teve de ser antecipado o encerramento da Edição de 2019/2020, em março de 2020, e a Edição 2020/2021 encontra-se atualmente suspensa.

Em reunião com a entidade responsável pelos Cadetes do Mar de Portugal, foi decidida a suspensão de todas as atividades que envolvam visitas a Unidades/Organismos militares, bem como ajuntamentos de adultos e jovens enquanto não houver uma melhoria significativa da situação na qual todos nos encontramos.

Esperamos que o início do ano de 2021 traga boas notícias sobre esta situação de forma a que em março possamos reatar as nossas atividades e, assim, permitir aos nossos Jovens novos contactos e experiências junto das nossas Forças Armadas e, no nosso caso particular, dos Fuzileiros e da Marinha!

Entretanto, dos seis Cadetes que terminaram a Edição 2019/2020, um ingressou num curso superior, outro está a melhorar nota do 12.º ano e tenciona ir para os Fuzileiros no próximo ano. Recebemos também uma nova inscrição de um jovem residente na zona de Corroios, pelo que contaremos para já com cinco Cadetes para a Edição 2020/2021.

Nota: Aproveita-se o momento para anunciar que ainda existem vagas para quem esteja interessado em participar no projeto. Para mais informações, entre em contato com a Secretaria da Associação de Fuzileiros.

TEN Ricardo Rosinha
Cmtd. Unidade Cadetes do Mar Fz

comunicados

Almoço de Natal 2020



Caros sócios da Associação de Fuzileiros

O ano de 2020, agora a chegar ao fim, ficará na história da humanidade pela sua atipicidade resultante da pandemia causada pela COVID-19, que teima em permanecer connosco.

Tendo em consideração o estado de calamidade em vigor e as precauções que todos temos de continuar a ter com a nossa saúde e com a dos outros, a Direção Nacional da AFZ tomou a difícil decisão de cancelar o nosso tradicional "Almoço de Natal 2020".

Aquele abraço de amizade que só nós sabemos dar e que tanto ajuda a repor os níveis da saudade, terá mesmo de ficar para o próximo ano.

Nesse dia, como sempre, gritaremos PRESENTE!

AFZ - A Direção Nacional

INFORMAÇÕES

Sócio da AFZ, actualiza os teus contactos e mantém-te informado!

A Direcção Nacional elegeu como objectivo prioritário a comunicação permanente com os seus associados.

Para cumprir esse objectivo o Secretariado precisa dos contactos dos sócios permanentemente actualizados: morada, telefone, *email*, etc.

Assim, solicita-se a todos os sócios que actualizem os seus dados para que tudo decorra com normalidade e a informação chegue aos seus destinatários em tempo útil.

Documentos de despesa com saúde

A Associação de Fuzileiros, através do seu Secretariado Nacional, disponibiliza aos seus associados o serviço de recepção e encaminhamento, para os serviços competentes, dos documentos de despesas com saúde.

A Direcção

Sobre o Estatuto do Combatente

Cartão de Antigo Combatente

Informação aos sócios



Estatuto do Combatente
Lei n.º 46/2020 de 20 de agosto

Aprova o Estatuto do Antigo Combatente e procede à sétima alteração ao Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, à primeira alteração à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro, e à primeira alteração à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro.

Cartão de Antigo Combatente
Portaria n.º 210/2020

Aprova o modelo de cartão de antigo combatente e o modelo de cartão de viúva ou viúvo de antigo combatente.

“Considerando os deveres de reconhecimento e de solidariedade, do Estado Português, para com os antigos combatentes, pelo serviço prestado à Pátria nas campanhas militares entre 1961-1975; Considerando que é da mais elementar justiça valorizar esses militares que combateram com coragem, lealdade, abnegação e sacrifício, em vários teatros operacionais; Considerando ainda os militares e ex-militares que, mais recentemente, participaram em missões humanitárias de apoio à paz ou à manutenção da ordem pública em teatros de operações classificados nos termos da Portaria n.º 87/99, publicada no Diário da República, 2.ª série, n.º 23, de 28 de janeiro de 1999, algumas das quais com elevados níveis de perigosidade, designadamente, em países ou territórios em situação de guerra, conflito armado interno ou insegurança generalizada;

Considerando ser, também assim, de inteira justiça que o contributo destes militares seja reconhecido pelo Estado português”.

(Para mais pormenores, aconselha-se uma leitura atenta à Portaria n.º 210/2020, de 03 de setembro e à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto).

Perguntas mais frequentes

Quando é que são entregues os cartões de Antigo Combatente? O que é preciso fazer para obter o cartão de Antigo Combatente?

Há duas situações:

1. O Combatente já está inscrito e recebe o Acréscimo Vitalício de Pensão.

O Acréscimo Vitalício de Pensão é uma prestação pecuniária de natureza indemnizatória, cujo montante tem por limite os valores mínimo e máximo do suplemento especial de pensão, 75 € e 150 € respetivamente. Este pagamento é efetuado anualmente, no mês de outubro.

Se o Combatente já recebe este Acréscimo Vitalício de Pensão não tem de fazer nada. O cartão vai ser emitido e quando estiver pronto será enviado para todos os combatentes nesta situação.

2. O Combatente não está inscrito e não recebe o Acréscimo Vitalício de Pensão.

Neste caso o Combatente deverá fazer a sua inscrição. Pode fazê-lo no Balcão Único da Defesa (BUD) ou através do site do Portal do Balcão Único da Defesa ou ainda no site da Associação de Fuzileiros, que também tem link de acesso ao portal do BUD e à ficha de inscrição que, para o efeito, tem de ser preenchida.

CONTACTOS ÚTEIS

BALCÃO ÚNICO DA DEFESA

Estrada da Luz, n.º 153; 1600-153 Lisboa

+351 213 804 200

+351 213 027 221

antigos.combatentes@defesa.pt

Horário de Atendimento:

Segunda-Feira a Sexta-Feira das 10h00 às 17h00

Devem estar prevenidos com o Cartão de Cidadão (CC); com os dados militares (onde e quando fizeram a/as comissões de serviço) e com o nº de Beneficiário da Segurança Social ou CGA, conforme o caso.

Nota: Esta informação já está divulgada nos documentos que a Associação tem pontualmente enviado aos sócios. A Associação já efetuou algumas inscrições recebendo os dados dos sócios pelo telefone, mas o sistema é pouco prático.

Apesar de tudo a Associação de Fuzileiros, através do seu Secretariado, pode e está disponível para prestar todo o apoio para o preenchimento dos documentos necessários, através dos contactos habituais, enviando posteriormente ao sócio o comprovativo com o código da inscrição via CTT.

O Secretário da Direção

Aqui se presta homenagem aos que nos deixaram



A Associação Nacional de Fuzileiros e a Revista “O Desembarque” apresentam sentidas condolências às Suas Famílias, publicando-se as respectivas fotografias que correspondem às que encontrámos nos nossos ficheiros.

Estes nossos Camaradas e Amigos permanecerão para sempre entre nós!



José Lourenço de Jesus
1MAR FZE 296570
DFE11 Moçambique 1972/74
(20-07-1949 a 14-02-2020)



Francisco Valente Pires
Sócio n.º 954
MAR FZE 393/71
(14-12-1950 a 29-02-2020)



António José Raminhos Alves
Sócio n.º 1142
CABO FZE 56468
(26-02-1951 a 07-06-2020)



Nuno Gonçalo Vieira Matia
Sócio Honorário n.º 559
ALM (ART - FZ) 25458
(09-07-1939 a 13-06-2020)



António Augusto Ferreira Seabra
MAR FZE 391/65
DFE8 66/68 e DFE2 70/72 Moç.
(08-12-1947 a 19-07-2020)



António Luís Bonito
Sócio n.º 82
SAJ FZE 197364
(06-01-1944 a 25-08-2020)



José Francisco Freire Cândido
Sócio n.º 774
MAR FZ 1143/70
(08-04-1952 a 15-09-2020)



António Carvalho
1GR FZ 2020/64
CF9 1966/68 Guiné
(08-02-1944 a 01-10-2020)



Edgar de Jesus Gonçalves
Sócio n.º 451
SAJ FZE 544/67
(27-08-1950 a 16-10-2020)

diversos

Novos Sócios

Nome do sócio	N.º
José Bento Martins	1319
Nuno Alexandre Assunção Fonseca	1320
Carlos Manuel Catarino Margalhau	1321
João Filipe Mota Jardim	1322
Pedro Diogo Midões Pinheiro	1323
António Rui Brito Rodrigues da Silva	1324
Cláudio Augusto Teixeira Ferrera	1325
José Francisco Caldo Miguel	1326
Maria Lopes da Costa Vieira	1327
Bruno Miguel Lucas Guerreiro	1328
Francisco José Gomes Lemos	1329
Luís Filipe Martins Pereira Baião	1330
Rui Miguel Martins Pereira Baião	1331
Carlos Manuel Antunes Grácio	1332
Leonel Duarte Pacheco	1333
Roberto Jorge Rebola Godinho	1334
António Manuel Costa	1335
José Ilídio da Silva Santos	1336
Carlos Manuel Cardoso Eusébio	1337

Novos Sócios

Nome do sócio	N.º
Fernando Manuel Neto Carlos	1338
Luís Miguel Pires da Fonte	1339
Manuel Marques Joaquim	1340
Armando Guarda Moreira Pinheiro	1341
Reinaldo José Pimentel da Cunha	1342
Sérgio Artur Lopes Reis Pereira	1343
Rogério Paulo Figueira Martins de Brito	1344
Vítor Manuel Fonseca Ferrão Dias	1345
Paulo Jorge da Silva Ribeiro	105
Joel Carlos Neto dos Santos Formiga	106

Donativos à AF

Nome do sócio	N.º	Donativo
Manuel Ventura	947	10,00 €
António Caldeira Pessanha	150	10,00 €
José Bernardo Monteiro	417	10,00 €
Francisco Guerra	77	6,00 €
Américo Cipriano Teotónio	521	30,00 €



"Quando chegar a hora decisiva
encontram-me nas dunas
dividido entre a terra e o mar"

Miguel Torga

